













13

THEATRO  
DE  
D.<sup>a</sup> MARIA RIBEIRO

CANCROS SOCIAES

DRAMA ORIGINAL EM CINCO ACTOS

Representado pela primeira vez no Theatro do Gymnasio  
em 13 de Maio de 1865

RIO DE JANEIRO

EM CASA DOS EDITORES

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

77, Rua da Quitanda, 77

1866

TRUBNER & CO.,  
60, Paternoster Row,  
LONDON.





117-6-22

# CANCROS SOCIAES



Em França e em todos os paizes civilizados não se póde imprimir ou *representar* uma obra sem o consentimento do seu autor; e todo o homem que procede de outro modo deve ser banido da sociedade e desterrado para o seio d'aquelles que a policia correccional pune todos os dias.

DE PONTÉCOULANT.

Este drama não poderá ser representado nem reimpresso, sem licença da autora.

141

THEATRO  
DE  
D.<sup>a</sup> MARIA RIBEIRO

---

# CANCROS SOCIAES

DRAMA ORIGINAL EM CINCO ACTOS

Representado pela primeira vez no Theatro de Gymnasio  
em 13 de Maio de 1865

---

RIO DE JANEIRO  
EM CASA DOS EDITORES  
EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT  
77, Rua da Quitanda, 77  
1866



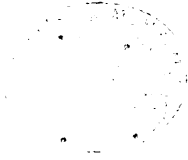
Quand une femme publie un livre elle se met tellement dans la dependance de l'opinion, que les dispensateurs de cette opinion lui font sentir durement leur empire.

STARL.

✓  
Ao Ex<sup>ma</sup> Sr. Conselheiro

D<sup>OR</sup> ANTONIO FELIX MARTINS

D<sup>a</sup> MARIA RIBEIRO.



A Ex<sup>ma</sup> Senhora

D. VIOLANTE DE BIVAR.

Minha senhora.—Isto não é um prologo; é apenas uma homenagem á memoria de uma criança e de dous velhos: meu filho, meu mestre e o pai de V. Ex.

Para justificar, porém, esta homenagem, que me empenho em tributar, permitta-me V. Ex. que, distrahindo-a dos seus estudos e labores, eu occupe a sua attenção evocando alguns acontecimentos do passado, que, ainda dolorosos, são sempre memoraveis ao meu coração.

Em Maio de 1855, possuia eu um lindo filhinho de olhos azues e cabellos louros, o qual já retribuia com os seus sorrisos e caricias de innocente os meus extremos de mãe. Um dia o meu anjinho agitou as azas brancas, e lá se foi a tomar lugar aos pés de Deos, entre os seus irmãos do céu!

Entregue á dôr que a sua ausencia me deixou, eu só ambicionava o linitivo de ir rennir-me ao filho que tanto amei e tenho amado. Em vão pretendi illudir as minhas saudades, procurando esquecer a formosa estrellinha que despontára no céu do meu viver de mãe. A felicidade havia desaparecido!

Enfermei gravemente; e quando os esforços da sciencia roubá-rão-me a esperanza de acompanhar meu filho, ficou-me a nostalgia da maternidade, inspirando-me o mais invencivel tedio a tudo que me cercava: eu só tinha metade do meu viver.

Busquei allivio ás minhas pungentes mágoas em toda a natureza; mas a aurora e o dia, as flôres e os passarinhos, o pôr do sol e a noite, as estrellas e a immensidade, a lua e o mar mais avivavam o meu soffrer! Vigor e animos se abatião cada vez mais sob a pressão das minhas saudades!... Restavão-me, no emtanto, duas filhas cá na terra, e para ellas era mister viver.

Quiz distrahir-me, e, para consegui-lo, tentei dialogar um drama, para o que me sentia com alguma vocação.

Na idade de 12 annos, quando tudo sorri á imaginação de uma menina, começára eu a escrever as minhas impressões de criança — saudações a amigas e alguns versinhos aos dias anniversarios das minhas camaradas. — Com o tempo, a pratica e a madureza do espirito, alguma cousa com mais geito ia fazendo; até collaborei em mais de um periodicosinho, dos quaes, felizmente, já quasi ninguem se lembra!

A consequencia do meu tentamen foi o original em cinco actos — *Guite ou a feiticeira dos desfiladeiros negros*.

Sem pretensões, e sem nutrir a menor ambição de louvores do publico ou da imprensa, e só para satisfazer á vontade de meu marido, remetti o meu drama ao Conservatorio Dramatico, do qual era então presidente o Sr. conselheiro Diogo Soares da Silva de Bivar.

Poucos dias depois, e por intermedio do 1º secretario o Sr. F. C. da Conceição, recebi o meu trabalho approved e generosamente distinguido, com palavras de inestimavel favor que o Sr. conselheiro Bivar juntára ao seu despacho!

O inesperado obsequio animou-me a proseguir nestas tentativas, que, distrahindo-me, tornavão assim menos doloridas as minhas intimas saudades, e mais dous ensaios apparecêrão em 1856 — *Paulina* e *A Aventureira de Vaucloix*, — dramas originaes que tiverão a fortuna de tambem serem obsequiosamente acolhidos pelo Conservatorio, sendo o despacho do ultimo ainda acompanhado de benevolentes expressões de louvor do Ex<sup>mo</sup> presidente, o qual, cumpre aqui dizer-se para muitos, nem sequer de vista me conhecia.

Incommodos de familia privarão-me de continuar a escrever os meus ensaios. Um dia, porém, em 1858, lembrei-me dos despachos do Sr. conselheiro Bivar. D'ahi a quinze dias offerecia eu a um amigo — amigo como poucos sabem ser, e que nunca me lisonjeára, — um drama original em cinco actos, escripto expressamente para dedicar-lh'o no seu dia natalicio.

O meu amigo, então secretario do Conservatorio, distribuiu o meu drama, *para obsequiar-me*, ao censor mais rispido e intolérante que conhecia, e por consequencia, o mais imparcial em suas opiniões. *O Anjo sem azas* foi louvado pelo censor austero, mere-



cendo depois a aprovação das pessoas que o lêrão ou ouvirão a sua leitura.

Em seguida escrevi os originaes *D. Sancho em Silves* (historico), *Cancros Sociaes* e *Gabriella*, dramas; e as comedias: *Scenas da vida artistica*, *Um dia na opulencia*, *A cesta da tia Pulcheria*, *O poder do ouro*, *Cancros domesticos*, *O Omphalista*, etc., tendo anteriormente escripto *As luvas de pellica*.

O parecer favoravel de alguns amigos competentes, despertou-me as aspirações, e desejei apresentar-me ao juizo publico.

Em Março de 1863 a Sociedade Dramatica, que então trabalhava no theatro do Gymnasio, levou officiosamente á scena o meu drama *Gabriella*, que, para o cumprimento de uma promessa, escrevi *ao correr da penna*, pois devia representar-se em beneficio da actriz D. Gabriella da Cunha em dia já designado.

Em Maio de 1865, dez annos depois da morte de meu filho e do primeiro louvor do Sr. conselheiro Bivar, tambem no Gymnasio, pela companhia dirigida pelo poeta-artista o Sr. Furtado Coelho, foi representado com todo o esplendor o meu drama *Cancros Sociaes*.

Não devo talvez rememorar agora os successos obtidos por estes meus trabalhos, nem tenho expressões para manifestar meu reconhecimento infindo. Só posso confessar que nunca imaginei ser tão delicadamente acolhida e altamente elevada pelo publico e por toda a imprensa fluminense, a qual espontaneamente me honrou de um modo grandiloco e notavel. Seão provas do meu perduravel sentir estas palavras, já que não pude crystalisar as lagrimas de satisfação, vertidas após as minhas horas de esplendidas ovações, para erguê-las, como a imagem da gratidão á memoria de tantos favores, — favores bem pouco vistos na scena brasileira.

Não são estas palavras arroubos de vaidade, que nunca tive, nem protestos para novos triumphos: rosas e louros sempre entremeados das sentidas saudades de meu filho; applausos que me elevavão com o mais intimo sentimento á região dos justos, por onde deve pairar o espirito do Sr. Conselheiro Bivar.

Em todas as minhas noites de flôres e de bravos, e especialmente, naquella para mim muito memoravel, em que me foi entregue, com o diploma de socia honoraria, o eloquente e delicado mimo da sociedade Ensaios Litterarios, recordei-me de um outro respeitavel e illustre velho, ao qual devo *tudo* quanto valho e *tenho adquirido* no torneio das letras: — meu mestre; o amigo e companheiro de armas de meu pai, o Sr. brigadeiro Antonio Joaquim Bracet, que no campo da victoria, soube collocar no peito do capitão Marcellino de Souza Rego, a quem devo os dias da existencia, o primeiro padrão de suas glorias militares.

Esse venerando ancião, typo infelizmente rarissimo nestas épocas de egoismo e de maledicencia, cheio de nobreza e dedicação em suas afeições sinceras, tomou a seu cargo a educação da desprotegida filha do soldado, orphã antes de completar o seu primeiro lustro; e durante annos de fadigas e cuidados inalteraveis, procurou facultar-lhe (como elle dizia), os meios de alcançar pela intelligencia, uma posição digna e independente no futuro.

Meu respeitavel mestre!...

A todas estas memorias, que me são tão caras, devia eu uma homenagem; e em difficiencia de outro meio, pareceu-me digno levantar aqui, com a publicação deste humilde trabalho, uma lembrança, singela, mas, nem por isso, menos sincera e grande do que os profundos sentimentos que m'a inspirarão.

Neste meu intuito, que as almas bem constituidas não de respeitar, não ha, nem houve sombra de pretensão. Publico o meu escripto com este desejo, e não por ambição de glorias, que já as tenho bastantes para o meu coração e para as minhas aspirações litterarias.

Sei que uma mulher, especialmente, pobre, não pôde elevar-se a certas regiões. O despeito de uns, a intolerancia de outros, a injustiça de muitos, e sobretudo, a calumnia sempre ávida de victimar a fraqueza feminina, cedo ou tarde, com aleives e injurias, lá a despenhão dessas alturas, se porventura soube attingi-las.

Cumpre-nos obedecer aos homens!

A mulher brasileira, senão quer sujeitar-se ao escarneo dos *espíritosos* e ás censuras mordazes dos *sensatos*, não tem licença para cultivar o seu espirito fóra das raias da musica ao piano, e das de algumas phrases, mais ou menos estropeadas, de linguas estrangeiras! Nem ao menos, para lér Aimé Martin — *Civilização do genero humano pelas mulheres!*

As européas, sim, essas intelligentes e talentosas podem estudar e escrever; poetar ou compôr dramas e romances; podem satisfazer as ambições da sua alma, ter culto, e conquistar renome....

Entre nós, não, que nada disso se pôde dar! O que sabe de lavra feminina, ou *não presta*, ou *é trabalho de homem*. E nesta ultima supposição, vai uma idéa occulta e deshonesta.

E para que comprariamos, nós mulheres, a fama de sermos autoras de trabalhos que não fossem nossos, se com ella nada ganhamos, nem temos possibilidade de obter lugar ou emprego pelos nossos meritos litterarios? Valem-nos elles de cousa alguma?

Será pelos lucros?...

Santo Deus! A calumnia nem reflecte nisto!

## XI

Levando, pois, a effeito o meu tributo, creio cumprir com elle o doce dever da saudade maternal e a respeitosa veneração de discipula; dando tambem á desprovida historia das letras dramaticas da minha patria, o pequenino contingente do meu minguido talento.

E, se porventura, o meu decrescente estado de saude, que me conduz para a morte, tão tímida pelos felizes do mundo, me deixar alentos que me permittão aproveitar as poucas horas que me ficão das minhas lidas de mãe de familia, no afan das letras a que, já agora, me sinto presa até morrer, irei dando ao prêlo algumas outras concepções, e, possão ellas, acolhidas pelo publico, lembrar por algum tempo á geração que nos sobreviver: — a memoria de meu filho, a dedicação de meu mestre, e a benevolencia do presidente do Conservatorio Dramatico Brasileiro, em 1855.

Concluo, minha senhora, pedindo a V. Ex., que receba no santuario dos seus sentimentos de mulher e de filha, as singelas recordações das minhas saudades e da minha gratidão.

Março de 1866.

MARIA RIBEIRO.



## AO LEITOR

---

— Vou publicar o meu drama *Cancros Sociaes*, e desejo que o apadrinhe um nome respeitavel nas letras.

— O seu drama, minha senhora, não carece de patrono; mas, se cabe apontar nome respeitavel nas letras....

— Por meu gosto, ha de o protector ser a pessoa a quem tenho a honra de dirigir-me.

— Eu, minha senhora! A categoria do padrinho, deve, quando menos, acompanhar a do afilhado, e neste caso....

— Espero que não me negará o favor, não obstante ser grande.

Sirva este curto dialogo para mostrar o motivo da minha apparição como arauto.

Habituei-me a não publicar juizo meu sobre obras albeias, porque sei o quanto são delicados os nervos de D. Vaidade. Que mal me podia vir de encatharroar-me como a raposa da fabula? Haverá, porém, defluxo que leve um cavalheiro a faltar a uma dama? Apezar dos meus 55, não me animo a tanto.

— O drama da Sra. D. Maria Ribeiro, tem para mim um duplo valor: é obra de mulher, e obra boa.

As mulheres entre nós, amão com véras a familia, e por isso, e por circumstancias que nos são peculiares, vivem quasi exclusivamente entregues aos cuidados della, o que sendo honroso para o sexo, obsta, não pouco, a palestra com as musas. A autora, pois, dos *Cancros Sociaes*, já merece louvor pelo simples factio de haver pa-lestrado *extra tecta*. Mas, na minha opinião, o seu verdadeiro merecimento, consiste em ter feito cousa, cuja maternidade poderia figurar como boa paternidade. Não quero com isto dizer, que se trata em absoluto de um *perfeito* modelo de locução e vida scenica. A peça podia, talvez, com proveito seu, soffrer modificações, as quaes eu não aponto porque o talento da autora lhe fallará por mim. É certo, porém, que, independentemente de innovações, o drama merece lugar distincto entre os melhores que possuímos, e em si contém materia de preço.

O entrecho parece creação de cerebro varonil, e tem o cunho da utilidade real. Com uma delicadeza digna de admiração, flagella a autora o captivo, que é um dos nossos maiores cancrs sociaes.

« Certo brasileiro, feliz no negocio, na amizade e na familia, para festejar dignamente os annos da filha querida, procura resgatar uma captiva, e nella, descobre a sua propria mãe. Esta circumstancia lhe pôe o coração em luta desesperada, pois ante o amor filial, se levantão como barreiras, o receio do desprezo da esposa, e do sarcasmo da sociedade; e a luta excita os zelos da consorte, a qual chega a vêr na pobre liberta uma competidora. Felizmente, tudo serena com o auxilio da amizade, cujo poder, torna patente a falsidade de que havião sido victimas, mãe e filho. »

Deste enredo simples, tirou a Sra. D. Maria Ribeiro, bom partido, e as perolas com que o adornou, não forão de certo, apanhadas no lixo, de onde tenho visto sahir até a propria fabula. Seguiu ella a boa escola, a escola cortez, moral, util, levando ao cabo o seu conto, por meio de dialogos curtos, naturaes, que não incommodão,— nem fazem baixar os olhos.

Ainda que pintados largamente, os caracteres têm colorido verdadeiro, local. Todos fallão como devião fallar, e ninguem falla só, porque a autora, quiz curvar-se a certa lei chamada realista, mas que eu não aceito sem additamento, já que converso ás vezes em alta voz com os meus botões.

Agrada vêr um amigo e protector do quilate do Barão de Maragüipe, e, comquanto, raro seja o typo, o mundo o não desco-nhece.

O mesmo se pôde dizer dessa mulher, victima de seu marido, e que entretanto, se interessa na felicidade de outro casal. *Desgenais* de tal ordem não se tornão fastidiosos.

O Visconde de Medeiros, esse é magano conhecido, um dos taes que depois de chegarem á riqueza por meios torpes, levantão a cabeça, para que a julguem de fidalgo, como se a crapula não deixasse na indigna frente, o carvão indelevel. Em Forbes, se descobre o homem rato, que vive de pilhar sorrateiramente, e que só se arrepende quando a ratoeira o apanha. Este papel assim como o de Martha, talvez merecessem maior desenvolvimento. Comtudo, Martha não deixa de agradar, e quanto diz e faz deve parecer natural, já porque o coração materno é insondavel, já porque recebêra a liberta uma boa educação.

Os sentimentos de Paulina, são perfeitamente expressados, provando a autora que bem conhece o coração feminil. Quanto ao Commendador, é elle, e devia ser, a primeira figura do drama. Nenhuma exaggeração ha nesse typo de homem collocado em tão melindrosa posição.

Impressionarão-me estas palavras de Mathilde :

« A virtude, minha cara amiga, tem a sua corôa; desfolhadas e dispersas as flôres de que ella se compõe, nunca mais torna a ser o mesmo emblema! »

Como isto é mimoso! Que differença entre esta expressão, e outras que por ahi rolão n'outros dramas! Tenho para mim, que, aos ouvidos dos expectadores, só devem chegar discursos taes; nem sei que resulte utilidade de se mostrar que uma bacchante está separada de uma Lucrecia por uma simplès taça de champagne. Arrepentão-se as Magdalenas, mas fique á virgem, o seu throno de estrellas.

Acho soberbo o sarcasmo, de que se serve Paulina, quando julgando haver tocado a ultima prova da infidelidade do marido lhe diz :

« Exigi ha pouco que despedisse esta criada; agora, peço-lhe que a conserve; — é a mulher que lhe convem! »

A explosão do coração filial se faz com muito esplendor.

« — Basta, senhora, diz o Commendador, nem mais uma palavra de insulto! »

« — Ameaças!... exclama Paulina.

« — Não ameço; peço... ordeno mesmo... que respeite...

« — Á... sua amazia?... torna Paulina.

« — Á... minha mãe! »

Emfim!... Com que satisfação não se assiste a este triumpho do puro amor de filho!

Tem tambem para mim grande magia, um certo abraço que Mathilde manda Olympia dar em seu pai, quando ella, no final da peça, indaga o que se passa. Que resposta mais digna haveria para a ingenua menina, e n'aquella circumstancia?

Sinceramente declaro, que se pôde lêr com muito prazer, o valioso trabalho da Sra. D. Maria Ribeiro, e que não foi injusto o publico, quando applaudio a sua execução.

O nosso repertorio theatral, não conta muitas paginas destas; a elle cabe guardar cuidadosamente o mimo que lhe offertou a autora patricia, justificando o seu notavel talento.

O drama da Sra. D. Maria Ribeiro, que é já uma solenne realização do que pôde a musa dramatica brasileira, contém em si uma grande promessa que eu desejo vêr satisfeita, para o fim de nos tocar tambem o distincto diadema das Georges Sands.

JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA.



## PERSONAGENS.

---

EUGENIO S. SALVADOR, 34 annos, negociante .	Sr. F. Coelho.
BARÃO DE MARAGUPIPE, 58 annos, capitalista.	Sr. J. Heller.
VISCONDE DE MEDEIROS, 56 annos, negociante.	Sr. Graça.
ANTONIO FORBES, 60 annos, procurador de causas . . . . .	Sr. Arêas.
PEDRO, 30 annos, criado de Eugenio. . . . .	Sr. Pinheiro.
PAULINA, 32 annos, esposa de Eugenio . . . . .	D. A. Marquellou.
OLYMPIA, 15 annos, filha de Eugenio. . . . .	D. J. Heller.
MATHILDE, 45 annos, amiga de Paulina. . . . .	D. Elisa.
MARTHA, (parda clara), 47 annos. . . . .	D. Clelia.
UM EMPREGADO DA CASA DE CORRECÇÃO, 35 annos.	

Homens, senhoras, criados, etc.

Guardas, musicos, artezões, presos, etc.

---

Época, actualidade ; acção, Rio de Janeiro 1862.

---



# CANCROS SOCIAES

---

## ACTO I.

Em casa de Eugenio, a 2 de Julho, de manhã.

Salão, esteirado, com duas portas ao fundo, outras duas á esquerda e duas janellas á direita. Mobilia elegante ao gosto da quadra; espelhos, vasos, quadros, candelabros, cortinados, etc. Um divan, uma mesa pequena perto, e em lugar conveniente uma grande moldura com retrato de homem, coberto de gaze verde.

## SCENA I.

O BARÃO E O VISCONDE.

BARÃO.

Se é sobre negocios, que V. Ex. pretende fallar a Eugenio, creio que não escolheu dia muito opportuno (*apresenta-lhe uma cadeira*); a recepção de hoje, é toda em obsequio á menina S. Salvador.

VISCONDE.

Não ignoro essa circumstancia, e é mesmo para comprimenta-la que aqui venho (*assentão-se*); mais tarde, apresentar-me-hei em character official e solemne. (*Sorpreza no Barão.*) A filha do Commendador, é uma adoravel creatura! Rica, formosa. . . Ora. . . sejamos francos, Barão! Ainda não percebeu que eu gôsto muito da joven Olympia?

BARÃO.

V. Ex. ?!

VISCONDE.

Sim, meu caro Maragugipe! Estou mesmo apaixonado! Brevemente formularei o meu pedido, debaixo de toda a formalidade exigida pelas conveniencias da *nossa roda*.

BARÃO.

E conta com o assentimento de S. Salvador?

VISCONDE.

Creio que elle não desdenhará ter uma filha Viscondessa.

BARÃO.

E ella?

VISCONDE.

Nenhuma moça regeita a mão do homem que lhe offerece um titulo e uma brilhante posição.

BARÃO.

Já vejo que o Sr. Visconde não conhece a fundo o character das pessoas de quem falla, e com quem trata, ha muito pouco tempo! Eugenio S. Salvador préza muito a felicidade de sua filha, para sacrificá-la ás considerações de titulos e posição; quanto á sua esposa, senhora de espirito recto, intelligente e illustrada, penso que não ha de entregar ás caricias de um esposo da idade de V. Ex., uma menina que mal sahe da infancia.

VISCONDE, *ironico*.

Como está o Barão ao facto de todas essas cousas!

BARÃO.

Posso afirmar ao Sr. Visconde, que são estas as idéas dos meus amigos.

VISCONDE, *fatuo*.

Appellarei então para Olympia. . . .

BARÃO.

Não conte com esse auxiliar. Essa menina é dotada de uma ingenuidade tão franca, tão *limpida*, por assim dizer, que não se deixará seduzir pela vaidade, que perde a maior parte das mulheres.

VISCONDE.

O Barão está ainda muito atrazado no conhecimento do coração humano!

BARÃO.

Nesta casa, Sr. Visconde, a felicidade não é um *mytho*, é uma realidade.

VISCONDE.

É por essa razão, que insisto em effectuar um casamento conveniente aos dous lados, pela riqueza e pela posição.

BARÃO, *intencional*.

E pelo sentimento?!...

VISCONDE.

Isso.... São frioleiras dispensadas pelos conjuges da *nossa roda*! Entre nós outros fidalgos, de nada valem essas puerilidades a que chamão — interesses do coração!

BARÃO, *friamente.*

Com semelhante modo de encarar um enlace tão solemne, fôrma V. Ex. uma excepção... *na nossa roda.*

VISCONDE.

*Costumeiras* antdiluvianas, meu caro! (*Erguem-se.*) Felizmente já nos vamos emancipando de muitos abusos dos nossos antepassados! (*Péga no chapéo.*) O Comendador demora-se... as Senhoras....

- BARÃO.

Creio que ainda é muito cedo para vê-las.

VISCONDE.

Voltarei á tarde. (*Vê o relógio.*) Já nove horas!

## SCENA II.

OS MESMOS E PEDRO.

PEDRO, *ao Barão.*

Está ahi uma pessoa que pede para fallar a V. Ex.

BARÃO.

Faça entrar quem é. (*Sahe Pedro.*)

## SCENA III.

O BARÃO E O VISCONDE.

VISCONDE.

Está bem, não o quero incommodar mais, Barão; até logo.

BARÃO, *friamente.*

Adeos. Sr. Visconde.

#### SCENA IV.

OS MESMOS E FORBES.

VISCONDE, *ao sahir encontra Forbes.*

Antonio Forbes!

FORBES.

O Sr. Visconde de Medeiros! (*Párão á porta.*)

VISCONDE.

O Sr. Forbes por aqui! Deixou então a Bahia!

FORBES.

Sim, Excellentissimo, o fóro por lá nada deixa.

VISCONDE.

Isso acontece por toda a parte. Se ha tantos *zangões* de tribunaes!... Adeos, Sr. Forbes. Se precisar de mim, appareça.

FORBES, *com intenção.*

Não me despeço do favor de V. Ex. (*comprimen-  
tando-o*); sempre prompto para o servir. (*Sahe o Vis-  
conde, e Forbes aproxima-se.*)

#### SCENA V.

O BARÃO E ANTONIO FORBES.

FORBES.

Um criado do Sr. Barão!

BARÃO, *assentando-se.*

Já sei que vem concluir o que tratámos. (*Indica-lhe uma cadeira.*)

FORBES, *assenta-se.*

Foi para esse fim que tive a honra de procurar o Sr. S. Salvador; porém, como não o encontro, creio que com V. Ex. é a mesma cousa.

BARÃO.

Acho melhor ultimar com elle proprio esse acto. Se não quizer esperar um pouco, pôde passar por aqui mais tarde.

FORBES.

Como V. Ex. entender.

BARÃO.

Está então resolvido de todo?

FORBES, *suspira.*

Desejo que ella seja feliz.

BARÃO.

Parece estima-la muito!

FORBES.

Só a grande urgencia das minhas precarias circumstancias, me obrigaria a receber a importancia da sua liberdade, e a privar-me dos seus serviços! V. Ex. não imagina as boas qualidades de que é dotada aquella mulher! É uma creatura intelligente, laboriosa....



BARÃO.

E... é morigerada?

FORBES.

Foi a ambição da liberdade, que a levou á beira do abysmo, aonde talvez se precipitasse, se...

BARÃO.

Comprehendo : foi seduzida com promessas de liberdade.

FORBES.

E de casamento.... promessas que nunca se realizão. Quem dá valor á juramentos feitos á uma escrava?

BARÃO.

É exacto. Ha, infelizmente, homens que se julgão desobrigados dos mais santos deveres para com a honra da mulher captiva ! Mas em que ficamos, quanto ao preço do resgate da sua parda ?

FORBES.

Não posso aceitar menos de dous contos de réis ; e, creia V. Ex., que é bem pouco pelo sacrificio que faço.

BARÃO, *depois de breve reflexão.*

Bem ; creio que o meu amigo não fará questão sobre este ponto. (*Erguem-se.*)

FORBES.

Terei a honra de procurar o Sr. Commendador, mais tarde. (*Inclina-se.*) Ás ordens do Sr. Barão ! (*O Barão comprimenta-o, e elle sahe.*)

SCENA VI.

O BARÃO E DEPOIS PEDRO.

BARÃO, *chamando.*

Pedro! (*Apparece Pedro.*) Se esse homem voltar antes da chegada de seu amo, faça-o esperar. (*Sahe Pedro. O Barão vai tomar o chapéo, que está sobre uma cadeira, e vê Paulina e Mathilde que entrão.*)

SCENA VII.

BARAO, PAULINA E MATHILDE.

BARÃO, *alegremente.*

Oh!... Já acordada! Julgava que os passarinhos não tivessem ainda gorgoeado nas janellas do aposento de V. Ex.!

PAULINA, *sorrindo-se e apertando-lhe a mão.*

Acha então que madruguei?

BARÃO.

Sem duvida!

PAULINA, *sorrindo-se.*

Pois não só os passarinhos já voltejãrão pelas *papoulas* e *jasmins*, do meu jardimzinho, como tambem (*indicando ou tomando a mão de Mathilde*) *chilreamos* ha mais de meia hora, em cousas agradaveis e variadas.

MATHILDE.

Como tem passado, Sr. Barão?

BARÃO.

Sempre bem, e ao dispôr de V. Ex.! (*Pêga no chapéo.*)

PAULINA.

Como! já nos deixa! Eugenio pouco pôde tardar.

BARÃO.

Estarei de volta á hora do almoço,— se me guardarem o meu lugar do costume, á mesa.

PAULINA.

O seu lugar, meu amigo, é nos nossos corações, aonde ninguém o pôde substituir!

BARÃO, *apertando-lhe affectuosamente a mão.*

Eu o sei, minha filha! Até logo. (*Comprimenta a Mathilde.*) Minha senhora!...

MATHILDE, *apertando-lhe a mão.*

Até logo, Sr. Barão! (*Acompanhão-o até d porta, e voltão a assentar-se no divan.*)

## SCENA VIII.

PAULINA E MATHILDE.

PAULINA.

Com effeito! Seu marido, pelo que a senhora acaba de contar-me....

MATHILDE.

Se eu lhe referisse tudo quanto soffri!...

PAULINA.

Nem sei como se casou com semelhante homem !  
(*Entra um criado com duas taças de chocolate sobre uma bandeijinha de prata, põe-na sobre a mesinha, e retira-se. Paulina dá uma taça d Mathilde e toma a outra. Bebem o chocolate.*)

MATHILDE.

Casei-me por vontade de meu pai ; e, para obedecer-lhe, sacrifiquei a ventura de pertencer a um homem, que me teria feito bem feliz !

PAULINA.

A'valio o quanto lhe seria penoso um tal sacrificio !

MATHILDE, *tristemente.*

Meu pai chorou amargamente a minha desgraça ; e, ao morrer, pedio-me perdão da violencia que fizera aos meus sentimentos. A sua morte, que me deixou só no mundo, foi o preludio de todas as minhas infelicidades !  
(*Larga a taça na bandeja.*) É muito máo sujeitar-se o coração de uma menina á calculos pecuniarios. O ouro não dá ao coração a ventura intima de um affecto comprehendido e partilhado.

PAULINA, *larga a taça na bandeja.*

Porém, entregar-se uma filha a um homem que não possa dignamente sustentar tão melindroso encargo, é fazer dous infelizes.

MATHILDE.

Não vou ao contrario disso ; o que eu digo, é, que não se deve só attender ás considerações de dinheiro ; porque, digão o que disserem :— nem sempre a mulher rica é a mulher feliz !

PAULINA.

Isso é bem verdade !

MATHILDE.

E a prova do que digo, tenho-a em mim propria. Quando eu era rica, fui festejada, acatada... adulada mesmo ! — O que era muito natural... Davamos esplendidas funcções ! tinhamos sempre uma lauta mesa á disposição dos admiradores da nossa baixella, e adoradores dos nossos cozinheiros !... Julgavão-me por isso a mulher mais feliz da cidade da Bahia. e no entanto... Só Deos sabe o quanto era digna de lastima a minha sorte ! Mas, deixemos este assumpto, que sempre me entristece ... (*Pequena pausa.*) A senhora não conserva algumas reminiscencias daquella linda cidade ?

PAULINA.

Nenhumas ; vim de lá mui pequena. Tambem , as minhas recordações, nada terião de agradaveis ! Meu pai fallio, e vio-se obrigado a vir para o Rio de Janeiro, accusado de estellionatario, pesando-lhe sobre a sua honra uma sentença infamante.

MATHILDE.

Estellionatario !

PAULINA.

Uma denuncia, acompanhada de falsos documentos, apresentou-o como tendo sonogado objectos de valor á massa fallida !

MATHILDE.

E conseguiu rehabilitar-se ?

PAULINA, *tristemente.*

Não o poude fazer; succumbio á vergonha da sua condemnação, quando se preparava para combater os elementos da sua ruina !

MATHILDE, *apprehensiva.*

Como se chamava seu pai ?

PAULINA.

Olympio Torres.

MATHILDE, *erguendo-se.*

Olympio Torres !

PAULINA, *erguendo-se.*

A senhora conheceu meu pai ?

MATHILDE, *serenando-se.*

De nome : esse lamentavel factio foi muito notorio.  
E sua mãe ?

PAULINA, *tristemente.*

Essa... acompanhou-o ao tumulo, bem de perto !  
Fiquei entregue aos cuidados de minha madrinha, que  
acabou de me criar, e que me educou com o carinho e os  
desvelos de uma verdadeira mãe. De sua casa sahi  
casada com Eugenio, que era então primeiro guarda-  
livros do Barão de Maragugipe...

MATHILDE, *um pouco enleada.*

Parece ser um excellente homem.

PAULINA.

Se é :— A elle deve meu marido tudo quanto é no  
mundo ! Mandou-o educar com todo o esmero, habilitando-o a seguir qualquer carreira ; e tendo Eugenio preferido a do commercio, fê-lo seu caixeiro, mais tarde, seu guarda-livros, e depois do nosso casamento, deu-lhe

sociedade na casa, abonando-o na Praça, com todo o seu credito. Eis aqui a minha historia. Não a acha bem simples e pequenina ? (*Encaminhão-se para o sofá*).

MATHILDE.

E bem interessante ! (*Assentão-se.*) A minha, é mais cheia de tristes episodios ! Contava apenas dezenove annos, quando a lei dos homens desatou os laços com que as da Igreja me ligára a um esposo brutal e perdulario , que havia transformado o santuario conjugal, em theatro das mais indignas fraquezas !

PAULINA.

Quantas contrariedades não soffreria a senhora, durante o periodo da sua acção de divorcio !

MATHILDE.

Contrariedades?— A senhora não imagina o quanto é ultrajada a mulher que, como no meu caso, procura refugiar-se na protecção que as leis lhe facultão ! Soffre, em todo o seu peso, a reprobção dos austéros moralistas da nossa sociedade !

PAULINA.

Mesmo sendo virtuosa ?

MATHILDE.

A virtude, minha cara senhora, é, para muitos *espiritos fortes*, uma — chiméra ! Julgão, — ou fingem julgar —, que a virtude da mulher não passa de uma utopia moral. Por muito favor concedem-lhe a graça das apparencias.

PAULINA.

Pois existem homens convictos de uma geral perversão de costume ?

MATHILDE.

Ha muitos caracteres nobres e imparciaes ; todavia, a justiça que devêra presidir ao julgamento da mulher, não penetrou ainda convenientemente na consciencia de taes julgadores. Os homens, isto é, a causa primordial de todos os erros da mulher, são os seus mais implacaveis juizes ! Convertem a esposa honesta, ou a virgem innocente, em uma proscripta do circulo honrado e virtuoso ; e se a transviada não tem a força de vontade precisa para reaggir contra a sua condemnação, está irremediavelmente perdida ! Neste caso, eil-a trajando todas as galas da hypocrisia, e affrontando os seus proprios juizes, que então illudidos a applaudem, e a proclamão :— regenerada !

PAULINA.

Acho-a injusta, negando a possibilidade da regeneração da mulher culpada !

MATHILDE.

Santo Deos ! Eu não nego a possibilidade ! duvido simplesmente da sua sinceridade ! *A erradia*, verdadeiramente arrependida, não se apresenta aos commentarios das turbas, coberta de véstes e joias preciosas ! —A vergonha de uma passada degradação, concentra-se, e pede ao esquecimento dos seus desvios o perdão da sociedade, e a paz da sua consciencia.

PAULINA.

Mas, quantas infelizes, lançadas no opprobrio por causas imperiosas, quando encontrão em seu caminho, algum apoio, não se erguem da sua abjecção, tornando-se boas esposas e mãis exemplares ?



MATHILDE.

Será como diz ; não quero desfazer as suas bellas illusões ! Cá por mim penso de outro modo. A mulher que uma vez se vendeu ao demonio do vicio, ou da vaidade, não pôde mais erguer-se á altura donde cahio. As nódoas dos beijos mercenarios, não se apagam das faces que os recebêrão.... nem se resgata por alguns dias de continencia, uma vida de excessos e ebriedade ! A virtude, minha cara amiga, tem a sua corôa : desfolhadas e dispersas as flôres de que ella se compõe, nunca mais torna a ser o mesmo emblema !

PAULINA, *melancolica.*

Quanta descrença se revêla no fundo acrimonioso das suas proposições !

MATHILDE.

A descrença é o bem que me ficou dos meus passados infortunios ! Sou quasi sceptica para muitas cousas desta vida ! *creio* que — ainda — existem *virtude e justiça* ; porém, não as admitto sem as mais minuciosas indagações !

## SCENA IX.

AS MESMAS E OLYMPIA.

OLYMPIA, *beijando a mão d Paulina.*

Bom dia, mamã.... A Sra. D. Mathilde estava aqui ?!  
(*Mathilde beija-a na face.*) Que maldade !

MATHILDE.

O que ? — a minha presença, ou o meu beijo ?

c. s.

2

OLYMPIA.

Porque não mandarão chamar-me ha mais tempo, para gozar de tão amavel companhia?

MATHILDE.

Julgavamos que a menina ainda estivesse entre os seus nevoeiros de rendas e cambraias, a conversar com os anjinhos.

OLYMPIA, *sorrindo-se.*

Á esta hora? Mamã interromperia os meus colloquios, com as suas exprobrações!

MATHILDE.

Nisso faria ella muito bem. As moças são como as flôres, e, como estas, devem erguer-se com as auras da madrugada.

OLYMPIA.

A Sra. D. Mathilde anda em competencia com papai, nos seus lindos madrigaes! (*Assentão-se, ficando Olympia perto de Paulina*). O que me dá hoje, mamã-sinha?

PAULINA.

Um beijo, ou uma flôr: escolhe.

OLYMPIA, *apresentando a face.*

Venha o beijo. (*Paulina beija-a.*) Agora, em vez da flôr, quero um vestido para a reunião da *Campezina*.

PAULINA, *tornando-se séria.*

Não pôde ser; já o mez passado, teu pai comprou-te dous.

Mas, mamãe....

OLYMPIA.

PAULINA.

Vejo-te um tanto inclinada ao luxo, e á ostentação!... Olha que estas duas paixões, nunca conduzem a mulher á verdadeira felicidade! Demais, minha filha; não é na profusão e riqueza dos atavios, que está o encanto de uma moça; é na simplicidade e compostura delles.

MATHILDE.

São bellas essas maximas; mas, uma imaginação de quinze annos, não opta muito pela sua moralidade! (*Olhando*). Alli vem o Sr. Commendador.... (*Erguem-se, Olympia corre a recebê-lo.*)

## SCENA X.

AS MESMAS E EUGENIO.

EUGENIO, *prasenteiro*.

Como! venho encontrar a Sra. D. Mathilde aqui?!

MATHILDE, *apertando-lhe a mão*.

E o que tem isso de extraordinario, Sr. Commendador?

EUGENIO.

Nada, minha senhora!— Como tem V. Ex. passado?

MATHILDE.

Bem... neste momento especialmente.

EUGENIO, *com amabilidade*.

Sempre officiosa! (*Assentão-se, menos Olympia que fica encostada d cadeira de Eugenio.*)

MATHILDE.

Diga antes : — apreciadora da ventura que se goza neste paraíso !

PAULINA, *indicando Eugenio.*

Graças ao anjo que o tem sob a sua guarda.

EUGENIO, *beijando-lhe a mão.*

E com tão seductora *Eva* !...

PAULINA, *sorrindo-se.*

Lisonjas ? !

OLYMPIA, *tristemente.*

A mim ainda o papai nada disse.

EUGENIO, *afagando-a.*

O que mais te hei de dizer, *minha pérola* ?... Só se te repetir...

PAULINA, *vivamente.*

Nada de lhe repetires os teus gracejos ; ella já os tem ouvido de mais.

EUGENIO, *sorrindo-se, para Olympia.*

A mamãe tem medo que eu te faça vaidosa !

PAULINA.

Oh !... por esse lado já o mal está feito !

EUGENIO.

Como ! pois tu és vaidosa, Olympia ?

OLYMPIA, *meiga.*

Não acredite isso, papai; mamãe está *de pontas comigo*, porque eu lhe pedi.... (*Entra Pedro pelo fundo com um magnífico ramo de flores naturaes.*)  
Oh! que lindas flôres!...

## SCENA XI.

OS MESMOS E PEDRO, *que apresenta o ramo d'Olympia.*

OLYMPIA.

São para mim? (*Toma o ramo.*)

PEDRO, *apresentando-lhe uma carta.*

Da casa do Sr. Commendador Menezes. (*Sahe.*)

## SCENA XII.

OS MESMOS, MENOS PEDRO.

OLYMPIA, *dando a carta d'Paulina.*

É de Carlota.

PAULINA, *lendo.*

« Á sua amiga Olympia.— Carlota. »

EUGENIO, *sorrindo-se.*

É laconica a tua amiga!

MATHILDE.

Não se pôde ser mais concisa!

OLYMPIA.

Boa Carlota! Vejão se ella se esqueceu de mim!  
(*A Mathilde.*) Dá-me licença para ir pôr estas flôres  
no meu toucador?

MATHILDE.

Pois não, minha menina! Não faça ceremonias  
comigo! (*Sabe Olympia.*)

### SCENA XIII.

OS MESMOS, MENOS OLYMPIA.

EUGENIO, *para Mathilde.*

V. Ex. deixa-nos hoje dispôr do seu dia?

MATHILDE, *amavel.*

Felizmente não lhes posso dar essa concessão.

EUGENIO, *com amavel censura.*

Felizmente?!...

MATHILDE.

O dia e a noite de hoje pertencem á minha ami-  
guinha Olympia.

### SCENA XIV.

OS MESMOS E PEDRO.

PAULINA, *percebendo Pedro.*

O que quer, Pedro?... Pôde chegar. (*Pedro appro-  
xima-se e diz-lhe algumas palavras em voz baixa.*)  
Está bem: já vou. (*Sabe Pedro.*)

SCENA XV.

OS MESMOS, MENOS PEDRO.

MATHILDE, *sorrindo-se.*

Já sei que tem de attender ás exigencias do chefe de secção de alguma das suas repartições ?

PAULINA, *sorrindo-se.*

Se a senhora me permite. . .

MATHILDE.

O melhor meio de obsequiar-me é não fazer cerimonia alguma comigo. (*Sahe Paulina.*)

SCENA XVI.

EUGENIO E MATHILDE.

EUGENIO.

Não esperavamos ter hoje o prazer da sua companhia, minha senhora.

MATHILDE.

Oh !... pois eu não sabia que a nossa linda açucena entrava hoje na sua decima-sexta primavera ?

EUGENIO.

Em paga de não o ter esquecido, vou fazer-lhe uma confidencia.

MATHILDE, *sorrindo-se.*

Se é segredo, não o comprometta ;— lembre-se que sou mulher.

EUGENIO, *sorrindo-se.*

Não ha duvida; exijo segredo até á hora do jantar sòmente.

MATHILDE.

Pois até lá... mudarei de sexo! — De que se trata?

EUGENIO.

De uma surpresa que tenciono causar a Olympia; será o meu brinde de annos.

MATHILDE.

A surpresa? (*Assentão-se.*)

EUGENIO.

Uma folha de papel sellado; a liberdade de uma escrava. Hoje é dia para mim duplamente glorioso; 2 de Julho, anniversario da emancipação politica da minha terra, e o natalicio de minha filha; desejo, portanto, commemora-lo, restituindo ao gremio social um dos seus representantes. O que pensa V. Ex. do meu *mimo*?

MATHILDE.

Penso que seria um singular *mimo* de annos para uma menina, se essa menina não pertencesse á familia S. Salvador.

EUGENIO, *beijando-lhe a mão.*

Oh!... minha senhora!...

MATHILDE.

É alguma escrava da casa?



EUGENIO.

Não, Sra. D. Mathilde; em minha casa não ha captivos; todos os meus servos são pessoas livres.

MATHILDE.

Tal e qual como na minha! Abomino os escravos! São creaturas destituidas de toda a moralidade e de todos os sentimentos nobres!

EUGENIO, *com amavel censura.*

Estou desconhecendo a habitual rectidão de V. Ex.

MATHILDE.

Crê-me então injusta?

EUGENIO.

Pelo menos, pouco benevolente para com essa misera classe, desherdada de todos os gozos sociaes, e lançada, como uma vil excrescencia, fóra dos circulos civilisados!

MATHILDE, *sorpreza.*

Está fallando serio, Sr. Commendador?!...

EUGENIO.

Sim, minha senhora; estou intimamente convencido que existem muitissimos escravos morigerados e dedicados ás pessoas e aos interesses dos seus senhores.

MATHILDE.

Discordo da sua convicção. Que haja alguma excepção de regra que a autorise, concedo; mas, muitissimas?!!

EUGENIO.

Vejo que V. Ex. é do numero daquelles que pensão que o captiveiro impõe a estupidez e a desmoralisação.

MATHILDE.

Não, Sr. Commendador; sei que os instinctos das paixões, boas ou más, se manifestão e se desenvolvem em qualquer estado ou condição da creatura. E nem julgue que sou apologista dessa monstruosa aberração do direito das gentes, que dá ao homem a propriedade individual sobre o seu semelhante! Á idéa grandiosa do heróe da nossa independencia, tão magnanimamente por elle realizada nos campos do Ypiranga, devia ter-se seguido a completa abolição de uma lei que nos apresenta ao estrangeiro como um povo barbaro e ainda por civilisar! Esse cancro, que solapa a base da nossa emancipação. Lamento a sorte anomala desses infelizes; porém.... aborreço-os! Devo todos os meus infortunios a escravos, dos quaes era eu mais mãido que senhora. É gente muito ingrata!

## SCENA XVII.

OS MESMOS E PEDRO.

PEDRO, *a Eugenio.*

Está ahi um homem que procurou por V. S. esta manhã, e pede para lhe fallar. Vem com uma parda.

EUGENIO.

Faça-os entra para aqui. (*Sahe Pedro.*)

SCENA XVIII.

EUGENIO E MATHILDE.

MATHILDE.

Deixo-o com as suas visitas; vou esperar as minhas amigas no seu gabinete de trabalho.

EUGENIO.

Se só se tratasse de uma visita, pediria a V. Ex. que abrissemos um *parenthesis* na nossa conversação; porém, é uma conferencia enfadonha.

MATHILDE.

A aquisição do seu brinde ?

EUGENIO, *segundo-a.*

A troca do mais precioso attributo da humanidade por algumas notas do banco !

MATHILDE.

Até já. (*Sahe.*)

SCENA XIX.

EUGENIO, FORBES E MARTHA.

FORBES, *d porta.*

V. S. dá licença ? (*Eugenio faz-lhe um gesto, e Forbes entra acompanhado por Martha.*) É ao Sr. Eugenio S. Salvador, a quem tenho a honra de fallar ?

EUGENIO.

Sim, senhor ; (*indica-lhe uma cadeira*) faça o favor de assentar-se. (*Assentão-se ; Martha conserva-se de pé em lugar donde possa naturalmente olhar para o retrato.*) Sei que já me procurou.

FORBES.

E o Sr. Barão de Maragugipe, com quem fallei, autorisou-me a procurar de novo a V. S., para ultimarmos este negocio. Tomei a liberdade de a trazer ; o preço é dous contos de réis.

EUGENIO, *olha para Martha, que está muito attenta para o retrato.*

Traz a carta competentemente legalisada ?

FORBES, *entregando-lhe um papel.*

Não me esqueceu formalidade alguma.

EUGENIO, *depois de lêr, ergue-se.*

Está em ordem. (*Guarda-a no bolso.*) Dê-me licença, vou buscar-lhe o dinheiro. (*Vai a sair e repara em Martha que está muito agitada a contemplar o retrato.*) Meu Deus !...

MARTHA, *mostrando o retrato a Forbes.*

Que semelhança ! (*Para Eugenio.*) Meu senhor... (*Encarando-o.*) Jesus !!! (*Contempla por alguns momentos a Eugenio, que está muito perturbado.*) Será isto um sonho ? ! Perdôe, meu senhor... não me conhece ? Repare bem para mim... Interrogue as suas reminiscencias, as suas mais antigas recordações... (*Em grande anciedade.*)

EUGENIO, *com esforço.*

Não.... não a conheço !

MARTHA, *muito angustiada.*

Ah !... (*Fica como que aniquilada por alguns instantes.*)

FORBES, *a Eugenio.*

V. S. ha de desculpar....

MARTHA, *vai ao retrato arranca-lhe o véo.*

Sim.... é elle ! !

FORBES, *repara no retrato e estremece.*

Elle ? !... É.... alguma pessoa da familia ?...

EUGENIO.

É o pai de minha mulher....

MARTHA, *fulminada.*

Sua mulher ! ! (*Dolorosamente.*) Desgraçado !... o que fizeste !...

(*No momento em que o panno desce, entram Paulina, Olympia e Mathilde, alguns homens e algumas senhoras.*)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

---



## ACTO II.

(Na noite do mesmo dia.)

Gabinete esteirado, com portas ao fundo e aos lados. Poltronas, divan á direita, secretária á esquerda, mesa ao meio, com livros, objectos para escrever, tympano e candelabro com vélas acesas.

### SCENA I.

EUGENIO, *assentado no divan*, e PAULINA, *de pé, junto delle*.

PAULINA, *com solicitude*.

Estás melhor, meu amigo ?

EUGENIO.

Quasi bom ; foi uma leve indisposição.

PAULINA.

Vi-te empallidecer tanto !... Por pouco não cahiste.

### SCENA II.

OS MESMOS, OLYMPIA e MATHILDE.

OLYMPIA, *entrando apressada*.

Meu Deos !... o que teve, papai ?...

MATHILDE.-

Retirou-se da sala bastante incommodado, meu amigo ?

EUGENIO, *querendo gracejar.*

Tive um achaque de moça bonita : um *faniquito!*

OLYMPIA, *sorrindo-se.*

O papai com *faniquitos?!*

MATHILDE.

Quando o doente graceja, bem vai o caso. O seu papai não tem cousa de cuidado ; venha cumprir a sua promessa.

OLYMPIA.

Ora.... Sra. D. Mathilde !...

MATHILDE.

Então! quer *roer-me a corda?* Olhe que ordeno uma invasão de *dilettanti* a este gabinete!

EUGENIO.

O que lhe prometeu ella, Sra. D. Mathilde?

MATHILDE.

Prometteu-me cantar uma nova cançoneta, cuja letra, producção do nosso patricio Luiz Ayque, é realçada pela linda musica do Furtado Coelho.

OLYMPIA.

Mas... se eu ainda não estou bem certa!...

PAULINA, *séria.*

Não prometterias canta-la se não a soubesses.



OLYMPIA, *sorrindo-se.*

Que tyrannia !... Emfim... Vamos, Sra. D. Mathilde.  
Até logo, papai. (*Beija-lhe a mão.*)

MATHILDE, *offerece-lhe o braço.*

Quero ser o seu cavalheiro.

OLYMPIA, *dando o braço a Mathilde.*

Vou fazer uma bonita figura ! (*Encaminhão-se para o fundo.*)

MATHILDE.

Já a entendo, Sra. vaidosazinha ! (*Sahem.*)

### SCENA III

EUGENIO E PAULINA.

EUGENIO.

Não vaes tambem aprecia-la ?

PAULINA.

Gósto mais da musica ao longe.

EUGENIO.

Não acho conveniente a tua ausencia da sala.

PAULINA.

Inconveniente seria eu deixar-te só, incommodado como te achas.

EUGENIO.

Preciso sómente de um pouco de descanso.

C. 8.

3

PAULINA.

Pois descansa. (*Assenta-se perto da mesa e pega em um livro.*) Mais tarde iremos juntos.

EUGENIO, *levemente impaciente.*

Eis uma encantadora teima ! Agradeço-te, mas....

PAULINA.

Não insistas; não vou para a sala sem ti.

EUGENIO, *ergue-se.*

Nesse caso.... (*Offerece-lhe o braço.*)

PAULINA.

O que pretendes ?

EUGENIO.

Restituir á festa a sua rainha.

PAULINA, *sorrindo-se.*

Sempre a gracejar ! (*Ergue-se e larga o livro.*) Já que o exiges, deixo-te só. Mas se daqui a meia hora não appareceres, vir-te-hei buscar.

EUGENIO, *vivamente.*

Não!... não quero que aqui venha pessoa alguma !

PAULINA, *admirada.*

Está bom.... socega; aqui ninguem virá. (*Sahe pelo fundo.*)

SCENA IV.

EUGENIO, E DEPOIS PEDRO.

EUGENIO, *depois de pensar immerso em tristeza, toca no tympano e apparece Pedro pela direita.*

Já chegou a pessoa de quem lhe fallei ?

PEDRO.

Neste mesmo instante ;—já eu vinha participar a V. S.

EUGENIO.

Conduza-o para aqui, pelo corredor interior. (*Pedro vai a sahir*). Espere um pouco. (*Procura na mesa um bilhete de visita, e escreve nelle algumas palavras a lapis*) Entregue este bilhete ao Sr. Barão, quando elle estiver só. (*Dá-lhe o bilhete; Pedro sahe.*)

SCENA V.

EUGENIO, E DEPOIS FORBES.

(*Ouve se Olympia cantar uma cançoneta, musica de Furtado Coelho e letras de Macedo Ayque.*)

Do azul do céu, minha estrella  
Luzio brilhante e morreu !  
A mão da sorte em minh'alma  
Um véo de crepe estendeu.

Meus sonhos são agonias !  
Espinho que cava a dôr.  
É meu futuro um deserto,  
Sem planta, nem luz, nem flôr !

A derradeira esperança  
Em limbo escuro tombou,  
E morta vivo das penas  
Que o soffrimento deixou !

(*Emquanto Olympia canta, Eugenio passeia tristemente, parando de espaço a espaço. Findo o canto, ouvem-se grandes applausos, bravos, etc.*)

EUGENIO, *assenta-se muito oppresso.*

Oh!... a fatalidade!... a fatalidade!...

FORBES, *d porta, como que respondendo.*

Sou eu, Sr. Commendador! (*Eugenio ergue-se*). V. S. dá licença?

EUGENIO.

Entre, senhor. (*Forbes entra.*)

FORBES.

Sei que a occasião é impropria; porém, como V. S. pedio-me que viesse aqui esta noite....

EUGENIO, *indica-lhe uma cadeira.*

Faça o favor de assentar-se (*Assentão-se.*) Desejo obter do senhor algumas informações sobre a pessoa que libertei hoje. Foi para isso que lhe pedi que me procurasse.

FORBES.

Aqui estou ao dispôr de V. S.

EUGENIO.

Ha quantos annos possuia o senhor....?

FORBES.

A minha escrava Martha?.. Ha de haver perto... ou talvez mais de trinta annos.

EUGENIO.

De quem a comprou?

FORBES.

Comprei-a, juntamente com um filho, a certo negociante, que *quebrou* na mesma occasião em que os vendeu. Até creio que, por causa dessa venda, foi elle condemnado como estellionatario, por ter subtrahido e vendido clandestinamente bens sujeitos á massa fallida.

EUGENIO.

E sabe que destino teve esse homem?

FORBES.

Foi pronunciado na Bahia, em... mil oitocentos e trinta e tantos; e para escapar á vindicta da lei, fugio aqui para esta capital. Creio que morreu ha muito tempo! — V. S. está incommodado!...

EUGENIO, *ancioso*.

E... o que foi feito do filho de Martha?

FORBES.

Vendi-o aqui para o Rio; era um mulatinho endiabrado! Não o pude supportar!

EUGENIO.

E nunca teve noticias delle?

FORBES, *filando-o*.

O Sr. Commendador interessa-se singularmente pelo filho de Martha! — Pois, sobre a sorte desse pequeno, nada posso dizer a V. S.; nunca tive a menor informação a tal respeito. (*Pequena pausa.*)

EUGENIO.

Ha de desculpar-me o incommodo que lhe dei ; (*erguem-se*) estou satisfeito.

FORBES.

Incommodo, nenhum. Mesmo eu tinha de procurar a V. S. para communicar-lhe que.... (*Tira um maço de notas, do bolso*). Reflecti melhor ; não me convem aceitar só dous contos de réis pela liberdade da minha escrava... (*Apresenta o dinheiro a Eugenio.*)

EUGENIO, *sem tomar o dinheiro.*

Não lhe convem?!

FORBES.

Não, senhor (*põe o dinheiro sobre a mesa*). É muito pouco.

EUGENIO, *sorprezo.*

Pouco!... dous contos de réis!

FORBES.

Vinte que fossem, não era cousa alguma!

EUGENIO.

Vinte?! (*Encara-o muito admirado.*) O Senhor está louco?!

FORBES, *friamente.*

Louco estaria eu, se acei:asse semelhante bagatela!

EUGENIO.

Pois, senhor, faça o favor de guardar o seu dinheiro, e...

FORBES.

Não, senhor; e uma vez que não nos ajustamos no preço, tenha a bondade de restituir-me a carta, e mandar vir a parda, que a quero levar.

EUGENIO.

Leva-la! Isso nunca! O senhor já não tem direito algum sobre ella!

FORBES.

Essa agora !...

EUGENIO.

Essa mulher é livre....

FORBES, *perturbando-se.*

Livre !...

EUGENIO.

A carta da sua liberdade ficou hoje registrada nas notas do cartorio do tabellião Castro.

FORBES, *visivelmente contrariado.*

Registrada! (*Ergue-se.*)

EUGENIO.

Cumpri lealmente aquillo que tratamos; não posso ser responsavel pelas intermittencias da sua vontade.

FORBES, *com cólera mal disfarçada.*

E acha V. S. que eu estarei sujeito á sua? — Está muito enganado, meu caro senhor! Não me deixarei expolliar do meu direito de propriedade, sem que a questão se discuta em publico!

EUGENIO, *perturbado.*

E o que tenho eu a receiar em semelhante discussão? (*Pequena pausa.*) Acha pequena a quantia que arbitrou para o resgate da sua escrava? Pois, em consideração a essa desventurada, dar-lhe-hei mais um... (*Forbes fica impassivel*) dous... (*desorientando-se*) tres contos de réis!

FORBES, *friamente.*

É pouco.

EUGENIO, *sorprezo.*

Ainda acha pouco?!

FORBES.

É mesmo uma ridicularia. (*Assenta-se.*)

EUGENIO, *indignado.*

Se o senhor não está doido, está...

FORBES, *sorrindo-se.*

Embriagado?... Póde concluir a phrase; em discussões sobre negocios, nunca me dou por offendido. No emtanto, para validar o que tratarmos, devo assegurar a V. S., que não me acho em nenhum desses deploraveis estados.

EUGENIO.

Então, não comprehendo as suas exigencias. (*Assenta-se.*) Faça o favor de retirar-se por onde entrou.

FORBES.

Menos viveza em suas palavras, Sr. Eugenio S. Salvador! Reflicta na singularissima posição em que se acha, e veja que deve-me...



EUGENIO, *ergue-se encolerizado.*

Eu, nada lhe devo! Já lhe disse que guardasse o seu dinheiro, e se retirasse! (*Passeia muito agitado.*)

FORBES.

Nada me deve?! (*Ergue-se.*) Já que V. S. é tão falto de memoria, irei perguntar á filha do ladrão Olympio Torres ..

EUGENIO, *avançando furioso para Forbes.*

Miseravel !...

FORBES, *sem se alterar.*

Por quanto deve seu marido comprar o segredo do seu ex-escravo Eugenio...

EUGENIO.

Senhor !...

FORBES.

Filho da minha escrava Martha !

EUGENIO, *supplicante.*

Basta !... nem mais uma palavra !... Oh !... (*Deixa-se cair sobre uma poltrona ; pequena pausa ; Forbes contempla o ironicamente.*) Não !... (*ergue-se bruscamente*) não é possível !... Com que documentos prova o senhor o que acaba de dizer ?

FORBES.

Com o papel de compra, de Martha e de seu filho, passado e assignado pelo proprio Olympio Torres, que m'os vendeu.

EUGENIO

E o que exige por esse papel ?... Diga o com franqueza.... com audacia mesmo....

FORBES.

Já que me permita.... vou ser franco: — Dos meus perdidos cabedões, só me ficaram dividas, ruins paixões.... vícios mesmo....

EUGENIO, *amargamente.*

Que pretende alimentar á custa de uma revelação fatal ?...

FORBES.

Não direi que tencio alimentar as minhas perniciosas paixões á custa do segredo do meu ex-escravo Eugenio. *Respeitoso* Constituo porém, meu banqueiro, o Sr. Eugenio S. Salvador *Intencional*! Os titulos e as garantias do meu capital, estão em lugar seguro. E, creia V. S., que terei sempre em vista o preceito: — *Usar, mas não abusar!* — Se quiser dar-me os dous contos de réis.... por conta... *Eugenio empurra-lhe o dinheiro, que elle guarda.* Quanto ao mais.... quando eu precisar....

EUGENIO, *toca no tympano.*

Desculpe.... preciso ficar só.

FORBES, *pegando no chapéo.*

Oh! Sr. Commendador! V. S. está em sua casa !....

## SCENA VI.

OS MESMOS E PEDRO.

EUGENIO, *a Pedro.*

Acompanhe o senhor, até á escada.

FORBES, *comprimentando.*

Sr. S. Salvador !....

## SCENA VII.

OS MESMOS, E O VISCONDE, *pelo fundo.*

VISCONDE.

Desculpe, Commendador!... Só agora sube que....  
(*Vê Forbes.*) O Sr. aqui?!...

FORBES, *intencional.*

De que se admira, Sr. Visconde?... Não está também V. Ex. ? Ora!... (*Sahe pela porta por onde entrou, acompanhado por Pedro.*)

## SCENA VIII.

EUGENIO E O VISCONDE.

VISCONDE.

Não supponha este homem na sua intimidade!

EUGENIO.

Não sei porque V. Ex. diz isso.

VISCONDE.

Aqui!... no seu gabinete!

EUGENIO, *friamente.*

Tambem V. Ex honra neste momento o meu gabinete, sem que eu o conte no numero dos meus intimos!

VISCONDE, *affectando dignidade.*

Consinta que eu repilla o parallello que parece estabelecer entre a minha pessoa e um tal tratante! Se aquelle homem tem a felicidade de ser do numero dos seus amigos, declino dessa honra! A minha categoria....

EUGENIO, *seccamente.*

As relações que existem entre mim e o Sr. Visconde não o autorisão a censurar os meus actos. Só o

conheço ha algumas horas, se é, como diz, um *trotante*, o seu proprio interesse o fará não ser comigo. É esta a explicação unica que posso dar á susceptibilidade de V. Ex., e dos meus *officiosos*!

VISCONDE.

Como! pois o Commendador formalisou-se?!

EUGENIO.

Não, Sr. Visconde; salvo se V. Ex. chama *formalisar-me* o não querer eu communicar-lhe os meus negocios particulares.

## SCENA IX.

OS MESMOS e o BARÃO.

BARÃO, *pelo fundo*.

Eis-me aqui, Eugenio.... O que tens? estás agitado....

VISCONDE.

Não é nada, Barão! Tivemos uma ligeira controversia, mas já nos achamos de perfeito accordo, e, amigos como sempre! Bem sabe, que entre pessoas da *nossa roda*....

EUGENIO, *ao Visconde*.

Se V. Ex. dá-me licença.... preciso fallar ao meu amigo.

VISCONDE.

Cerimonias comigo, meu caro! eu me retiro. Nós outros fidalgos não costumamos ser importunos! Até já, Commendador!... Barão!... (*Sahe.*)

SCENA X.

EUGENIO E O BARÃO.

BARÃO.

Se este homem não fosse a personificação da estupidez, sé-lo-hia da fatuidade e do ridiculo ! Vou contar-te o que elle me communicou esta manhã ; prepara-te para rir.... Mas, o que tens ? Estás com a physionomia tão transtornada !

EUGENIO.

Estou perdido, Barão !

BARÃO.

Perdido ! O que te aconteceu ?

EUGENIO.

Minha mãe está nesta casa.

BARÃO, *assombrado.*

Tua mãe ! ! Como o sabes?... Quem a trouxe ?...

EUGENIO.

Deòs, ou a Fatalidade !...—É a escrava que libertei esta manhã.

BARÃO.

O que dizes ? ! (*Encara-o e pega-lhe na mão.*) Estás sob a influencia de um accesso febril.... Vem para a sala distrahir-te.

EUGENIO.

Não tenho febre, nem deliro. É minha mãe. Conheci-a, no momento em que fui por ella reconhecido. E... repelli-a!... reneguei-a! ..

BARÃO.

Á tua mãe?!...

EUGENIO.

Foi uma indignidade... um crime! bem o sei! Fiquei impassivel ante a dolorosa agonia desse coração que voava para mim... fiz mais: minha mulher, minha filha, amigos, esse Forbes, tinham todos as vistas sobre mim; temi uma revelação humilhante, e... confundi-a entre os meus criados... Oh! sou um filho indigno!... um ingrato!

BARÃO, *sentido*.

Não esperava de ti semelhante proceder!

EUGENIO.

E a deshonra que sobre mim pesaria, se soubessem que sou filho de uma escrava?! Que fui... Captivo! eu?... (*Desesperado*.) Oh!...

BARÃO.

Conta-me como se passou esse caso. (*Assenta-se*.)

EUGENIO.

Antonio Forbes estava presente quando nos reconhecemos e a nossa commoção, sem duvida, lhe denunciou a verdade. Não sei se elle tambem me reconheceu; só sei que es á senhor do meu funesto segredo, e que pretende tirar delle todo o partido possivel.

BARÃO.

Que desgraçada occurrencia !

EUGENIO.

E, como se não bastasse o horror do successo que me acabrunha, vem ainda uma terrivel circumstancia complicar mais a minha situação !—Paulina é filha do primeiro senhor de.... Martha !

BARÃO, *ergue-se.*

É possível ? !

EUGENIO.

Martha e seu filho forão os objectos que occasionarão a ruina do infeliz Torres !

BARÃO.

O que estás a dizer, Eugenio !

EUGENIO.

A verdade, autorizada pelas informações de Antonio Forbes, as quaes coincidem com as poucas reminiscencias que eu conservo do passado.

BARÃO, *consternado.*

A ser assim, é uma horrivel desgraça ! (*Assenta-se; Eugenio passeia tristemente*) Quem sabe se não és victima de alguma especulação dessas creaturas, que guiadas por algum indicio da verdade....

EUGENIO, *menha tristemente a cabeça.*

Martha não fingio. O brado que soltou, quando me reconheceu, só podia sahir da alma de uma mãe !

BARÃO, *ergue-se.*

E se ambos se houvessem enganado? Se uma fortuita semelhança... Olha que se joga uma tremenda partida sobre o teu destino!

EUGENIO.

Não nos enganâmos; o coração m'o diz.

BARÃO.

Então, repito, é uma grande desgraça!

EUGENIO.

Do que serve, pois, ter-me elevado a esse pedestal, erigido pela consideração social, se um imprevisto revez da sorte me vai d'elle fulminar! Oh!... Deos não é justo!

BARÃO, *severo.*

Tambem descrente?!

EUGENIO.

Barão!...

BARÃO.

Entendes que para a felicidade do homem basta-lhe só sacrificar ao seu egoismo e aos preconceitos do mundo, os seus mais sagrados deveres? Enganas-te; é preciso, antes de tudo, o temor de Deos, e fé na sua bondade! Dnvidas da sua justiça? Desvia os olhos das paixões mundanas que te toldão o espirito, e vê-las-has pairar sobre a tua propria cabeça!

EUGENIO, *tristemente.*

Se conhecesse a força do golpe que me abate!...



BARÃO.

E não me fere elle tambem na affeição que te consagro? Sabes se te estimo ;— com a liberdade que te dei, adquiriste um pai, ao qual, tornaste mais supportavel a solidão de uma vida sem affectos e sem laços de familia. Não quero ouvir-te blasphemar, juntando á fraqueza de animo a impiedade do coração !

EUGENIO.

Perdão, meu bom pai !

BARÃO.

Porém... (*Assentão-se.*) Como é crível que não tenhas reconhecido no retrato de teu sogro, o homem em cuja casa nasceste ?

EUGENIO.

Não tenho a menor idéa de suas feições, assim como não me recordo de ter nunca visto esse Forbes, que, segundo o seu dizer, foi quem mandou o infeliz filho de Martha para o Rio de Janeiro.

BARÃO.

E que provas tem esse homem?...

EUGENIO.

Um papel de.... compra ! Documento assaz valioso, que o torna senhor da minha felicidade e da minha honra !

BARÃO.

Da tua honra, não ! Se nasceste escravo, não deixas por isso de ser honrado. Não é a condição que des-honra o homem, são os seus proprios actos !

C. S.

4

EUGENIO.

Porém, como aceitará Paulina a minha infelicidade?... E minha filha? Oh!... se perco a ternura desses dous anjos!...

BARÃO.

Não te deixes abater, quando mais precisas de energia! Já que a adversidade te manda tão dolorosa prova, aceita-a corajoso! Luta... e vence!

EUGENIO, *desanimado*.

Lutar?... Tudo se junta para perder-me. Quem me affiança a discrição de Antonio Forbes? O que aconselhará o despeito ao coração dessa desventurada tão atrozmente repellida por mim?

BARÃO.

Como julgas mal, esses seres, que se chamariam — anjos — se não se chamassem — mãis!... — Despeito em uma mãe?... Abre os braços á pobre Martha....

EUGENIO, *interrompendo*.

Não!... Se o fizesse, cahir-me-hião nelles todas as irrisões da sociedade!

BARÃO.

Queres então sacrificar a taes preconceitos, a felicidade de tua mãe, e o socego da tua consciencia? (*Ergue-se severo.*) Que idéa fazes tu da honra, Eugenio? l...

EUGENIO.

Expôr-me ao desprezo da mulher a quem amo?

BARÃO.

E... Qual é o interesse desse homem, guardando o papel que te compromette?

EUGENIO.

Obrigar-me a satisfazer-lhe as ambiciosas exigencias; elle proprio o confessou.

BARÃO.

A questão, pois, milita sob um principio: o *ouro*, não é assim? Ameaça-te, para que lhe dês dinheiro?

EUGENIO.

Sim, e muito!

BARÃO.

Porque te julgas então um homem perdido? Se elle quer dinheiro, da-lh'o! De que nos serviria a riqueza, se ella não fosse o *poder moderador*, para onde appellão as paixões dos homens? Compra a peso de ouro o teu segredo! Faz esse Forbes teu amigo pelo reconhecimento, ou teu escravo pela ambição!

EUGENIO.

E Paulina?

BARÃO.

Paulina ama-te bastante, para sujeitar-se á tua sorte. Conta-lhe tudo.

EUGENIO.

Nunca! Morreria de vergonha antes de pronunciar a primeira palavra! — Pois eu, que quero ser respeitado

por ella, hei de ir depôr á seus pés uma fronte envidada pelo ferrete da escravidão?... (*Pequena pausa.*) — Diz bem, meu amigo, devo lutar! Será uma luta grandiosa, entre a fraqueza do homem e a omnipotencia do destino, porém.... vencerei!

BARÃO.

Muito bem! — É assim que te quero vêr! — Não é com vãs lamentações que se repellem os ataques da adversidade! Combate-se emquanto ha elementos para isso!

EUGENIO.

E... Martha?...

BARÃO.

Não és bastante rico para lhe proporcionares uma existencia feliz?

EUGENIO.

Longe de mim, exposta á curiosidade do mundo? É impossivel!

BARÃO, *indignado.*

Impossivel!... Tens um coração duro e ingrato! (*Passeia e pdra.*) Amanhã fallaremos sobre isto. Vem para a sala que a tua ausencia já deve ter sido notada.

EUGENIO.

Apparecer neste estado de perturbação? (*Martha apparece á porta.*)

BARÃO.

Pois acalma-te, e vem depois; eu vou para perto dos teus amigos. (*Sahe. Martha aproxima-se.*)

SCENA XI.

EUGENIO E MARTHA.

EUGENIO, *apercebendo-a.*

O que vem fazer aqui?...

MARTHA, *muito commovida.*

Meu filho!... (*Supplice.*) Agora que estamos sós...  
uma palavra ao menos....

EUGENIO.

Nada tenho a ouvir, nem a dizer!... Já lhe disse,  
que.... não a conheço!

MARTHA, *amargamente.*

Não me conheces?... Oxalá que assim fôra! não  
prantearia com lagrimas de sangue a tua crueldade!

EUGENIO, *perturbado.*

Senhora!...

MARTHA, *resentida e penalizada.*

É possível que a tua opulencia, e o esplendor da tua  
posição, sejam causas para que renegues aquella que te  
alimentou com o sangue das suas veias? (*Enterne-  
cendo-se.*) Que te ajudou a dar os primeiros passos na  
vida, e te ensinou a balbuciar a primeira oração á  
Deos?...

EUGENIO, *em grande luta de sentimentos.*

Basta.... basta!...

MARTHA, *supplice.*

Chama-me tua mãe!... (*Olha em torno da sala.*)  
Tua mãe!... (*Com muita ternura.*) Filho de minha

alma!... Oh...! (*Quer pegar na mão de Eugenio; este que tem estado em grande agitação, afasta-se vivamente.*)

EUGENIO.

Repito-lhe que... está enganada!

MARTHA, *com amargura.*

Enganada?! Crês tu, que um coração de mãe se possa enganar? Julgas que o intimo de um seio de mulher, estremeça sem ser pelo ente a quem gerou?... (*Eugenio encaminha-se para o fundo. Martha toma-lhe a passagem.*) Filho! (*Em lagrimas.*) Meu filho! não me fujas! Attende á misera que te chamou nos longos dias de vinte e nove annos! A unica consolação que eu tinha nas minhas crueis afflicções, era a esperanza de um dia encontrar-te, e unir-te ao meu seio! (*Eugenio olha desasossogado para as portas.*) Vejo que é o receio que te faz fugir dos meus braços.... sim, tu me has reconhecido.... a tua commoção m'o diz.

EUGENIO, *em crescente commoção.*

Deixe-me, senhoral... preciso ficar só...

MARTHA, *agarrando-lhe na mão.*

Eugenio!... (*Quer abraça-lo.*)

EUGENIO, *revestindo-se de animo, e repellindo-a.*

Esse Eugenio.... morreu para a senhora!

MARTHA, *com grande angustia.*

Oh!... Meu Deos!... Meu Deos!... (*Cae desmaiada nos braços de Eugenio, que a ampara. Paulina vem entrando pelo fundo, e ao vê-los, pára poucos passos muito maravilhada.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

## ACTO III.

Em casa de Eugenio, a 6 de Setembro de manhã.

A mesma decoração do 1.º acto.

### SCENA I.

BARÃO E PAULINA, *assentados*.

BARÃO.

Repito-lhe, minha filha : seu marido não lhe merece semelhante tratamento...

PAULINA.

Eu não o trato mal; — se ando triste, é porque não me posso contrafazer ; não sei fingir.

BARÃO.

E porque anda triste ? Eu não lhe aconselho o fingimento, nem quero que se contrafaça. Seja alegre, francamente, sem esforço, como outr'ora ! Mostre-se prazenteira, expansiva.... Se soubesse o quanto uma mulher se torna interessante com a sua meiguice e amabilidade ? Veja como se tem deixado abater ! Já não trata de si com aquelle cuidado.... tem a physionomia tão mortificada !

PAULINA, *forcejando para não chorar*.

Meu amigo !

BARÃO.

Está com o coração oprimido e a nadar-lhe em lagrimas... pois desafogue-o! Chore!... chore em presença do seu velho amigo, que sê-lo-ha sempre, sincero e desvelado! (*Paulina prorompe em soluços.*) O que a afflige?... (*Pega-lhe na mão.*) O que a atormenta? Falle, seja franca comigo! (*Pequena pausa.*)

PAULINA, *mais calma.*

Porque anda Eugenio tão triste! — O que lhe hei feito para que elle busque sempre evitar-me?

BARÃO.

Elle!... Evita-la!... Que prevenção a guia no juizo que faz acêrca do pobre Eugenio?

PAULINA.

Prevenção?... Sempre tão preocupado, tão sombrio....

BARÃO, *tristemente.*

Ora, minha filha! pois um homem na posição de seu marido, não tem, no gyro dos seus negocios, cousas que o preocupem?

PAULINA, *seccamente.*

Está bom; mudemos de conversa. (*Pequena pausa.*) Ainda não pude saber a causa do desmaio de Martha, na noite em que Eugenio tanto insistio para ficar só. Tem-me feito disso um mysterio....

BARÃO

Algum achaque antigo, talvez....



PAULINA.

E o que foi ella fazer ao gabinete de Eugenio, áquella hora?

BARÃO.

Isso... nada quer dizer! É tão facil dar-se qualquer caso que...

PAULINA, *com ironia amarga.*

O Barão, é um amigo dedicado, ao ultimo extremo!

BARÃO, *com dignidade.*

Paulina! Acho-a incapaz de offender o pai de seu marido! — O que pensa? O que suppõe?

PAULINA.

Penso que em tudo isto existe um mysterio indigno!

BARÃO.

Os meus cabellos brancos, e a minha dedicação á sua felicidade, impõem-lhe o dever de dar credito ás minhas palavras. — Seu esposo é credor de todo o seu affecto, e digno de toda a sua estima!

PAULINA.

Que supplicio de conjecturas! (*Erguem-se á entrada de Eugenio.*)

## SCENA II.

OS MESMOS E EUGENIO.

EUGENIO, *apertando a mão do Barão.*

Bom dia, meu amigo!... Não sabia que estava aqui!

BARÃO.

Cheguei ha pouco.

PAULINA, *ao Barão.*

Agora que o deixo acompanhado, dê-me licença ; tenho que escrever algumas cartas. (*Encaminha-se, e o Barão acompanha-a.*)

BARÃO, *d meia voz.*

A docilidade é a arma mais poderosa da mulher ! (*Paulina sahe.*)

### SCENA III.

EUGENIO E O BARAO.

EUGENIO.

Paulina estava commovida.... O que lhe disse ella?

BARÃO.

Nada; porém, eu comprehendi muito. Tu te compromettes com as tuas inconveniencias ! Já muitas vezes te hei dito, que a presença de tua mãe nesta casa pôde ser-te muito prejudicial ! Nem sei como consentes que seja criada de tua filha !

EUGENIO.

É ella quem assim o quer. Ama muito a Olym-  
pia, e....

BARÃO.

E reconhece a necessidade de um pretexto que justifique a sua presença na tua casa. É mister tira-la de semelhante posição.

EUGENIO.

Hoje, sinto que não posso viver longe della! A natureza recobra enfim os seus direitos, e brada mais alto em meu coração, do que no meu espirito o temor dos escarneos sociaes. (*Roda um carro.*)

BARÃO.

Tendo-a fóra d'aqui, pôdes vê-la, e torna-la feliz com a tua presença e os teus cuidados.

EUGENIO.

E se Paulina souber das minhas visitas?

#### SCENA IV.

OS MESMOS E PEDRO.

PEDRO, *d Eugenio.*

O Sr. Visconde de Medeiros, manda perguntar se pôde cumprimentar a V. S.

EUGENIO.

Que faça o obsequio de entrar. (*Sahe Pedro.*)

#### SCENA V.

OS MESMOS, MENOS PEDRO.

BARÃO.

Para que continúas a receber o Visconde, depois da formal recusa que lhe fizeste, da mão de tua filha?

EUGENIO.

Crê que me sejam agradáveis as suas visitas? Procura-me, e a delicadeza impõe-me a benevolencia.

## SCENA VI.

OS MESMOS E O VISCONDE.

VISCONDE, *largando o chapéo.*

Ora, bom dia, meu caro S. Salvador! Oh!... o Barão por cá!... (*O Barão toma o chapéo e a bengala.*) Como! Pois sahe, com a minha chegada?

BARÃO, *seccamente.*

Já me dispunha a sahir, quando V. Ex. entrou. Até á tarde, Eugenio. (*Aperta-lhe a mão.*) Adeos, Sr. Visconde. (*Encaminha-se para o fundo, e Eugenio segue-o.*) Pensa no que te disse. (*Sahe.*)

## SCENA VII.

EUGENIO E O VISCONDE

VISCONDE.

O Commendador já sabe, que o Forbes appellou para a Relação? Diz o seu advogado, que tem certa a sua absolvição... o que não duvido! De ordinario, a balança da justiça pende para o lado dos velhacos! (*Eugenio apresenta-lhe cadeira, e assentão-se.*) O abuso do patronato entre nós....

EUGENIO.

Se a Relação o absolver, é porque está innocente. Os caracteres dos magistrados respeitaveis de que se compõe esse venerando tribunal, repellem as insinuações que se notão nas palavras de V. Ex.

VISCONDE.

Não faça a injustiça de suppôr-me em duvida sobre a imparcialidade de tão illibados funcionarios da alta justiça! Bem vê, que entre fidalgos da nossa *plana*, não se deixa de attender a certo espirito de classe! Mas.... se reformão a sentença daquelle *tratante*....

EUGENIO.

Tenho notado em V. Ex. um tal encarniçamento contra esse homem....

VISCONDE, *com emphasis.*

É o encarniçamento que todo o homem honrado tem contra o vicio e a velhacaria.

EUGENIO, *friamente.*

Se V. Ex. quizesse expôr-me o objecto da sua visita?

VISCONDE.

Simplesmente comprimenta-lo; sou muito *puritano*, naquillo que respeita ao cumprimento de deveres sociaes, mórmente entre pessoas da *nossa roda*! Uma vez satisfeitos esses deveres.... (*Erguem-se.*) Não o quero importunar mais. Até outro dia, Commendador! (*Pega no chapéo e encaminha-se para o fundo, Eugenio acompanha-o.*) Nada de incommodos! Nós outros, fidalgos, dispensamos formalidades vulgares. (*Sahe.*)

## SCENA VII.

EUGENIO E DEPOIS PAULINA.

*Eugenio assenta-se no divan, toma um jornal, e percorre-o sem o ler. Paulina entra com algumas cartas na mão, assenta-se perto da mesa e toca no tympano.*

EUGENIO, *vai para perto della.*

Sempre dás a tua reunião amanhã?

PAULINA, *friamente.*

Se isso o não contrariar.

EUGENIO, *amavel.*

De modo nenhum! Sabes que só estou contente quando te vejo satisfeita. — São os teus convites?

PAULINA.

Os ultimos que tenho para fazer.

## SCENA IX.

OS MESMOS E MARTHA.

PAULINA, *dando as cartas d Martha.*

Dê estas cartas a Pedro, para manda-las ao seu destino. (*Martha, ao tomar as cartas, deixa cahir algumas no chão e apressa-se em apanha-las.*) Então!... nada faz em ordem!... anda sempre abstracta!...

MARTHA.

Desculpe-me, minha senhora; são cousas que acontecem.

PAULINA, *com mdo humor.*

Deixe-se de respostas! Vá fazer o que lhe disse! (*Martha olha penalizada para Eugenio, que passeia tristemente pela sala, e sahe.*)

SCENA X.

EUGENIO E PAULINA

EUGENIO, *assenta-se perto de Paulina.*

És tão sevêra para com aquella pobre mulher !...

PAULINA, *encarando-o fixamente.*

Acha isso?!

EUGENIO.

Sem duvida. A tua natural brandura para todos os teus servos, torna mais sensivel, a rispidez com que a trataes.

PAULINA, *friamente.*

Aceito as suas observações; farei todo o possivel, para não desgota-lo neste ponto.

EUGENIO.

Em que tom, me fallas tu, Paulina ! (*Pega-lhe na mão.*) Estás doente ?

PAULINA.

Alguma cousa.

EUGENIO.

Talvez as minhas palavras sobre Martha, te contrariassem; porém, sei que não gostas de maltratar a pessoa alguma, e vejo que ella se mortifica quando a trataes com dureza.

PAULINA.

Se não está satisfeita aqui, porque não se retira ? Não é livre ?

EUGENIO, *descontente.*

Realmente, Paulina ! estou desconhecendo-te ! Sabes que ella não nos quer deixar ; affeiçoou-se de tal modo, á Olympia, a quem, diz ella, deve a liberdade, que fôra cruel, o despedi-la.

## SCENA X.

OS MESMOS E MARTHA.

PAULINA, *vendo Martha.*

Quem a chamou aqui ?

MARTHA.

Já entreguei as cartas, e venho saber se a senhora tem mais algumas ordens a dar-me. (*Eugenio toma de novo o jornal.*)

PAULINA, *zangada.*

E preciso cohibir-se do máo costume de apresentar-se; sempre, onde não a chamão ! Já me aborrece tanta solicitude !—Diga á Luiza, que prepare o necessario para me vestir de preto. (*Martha sahe.*)

## SCENA XII.

EUGENIO E PAULINA.

(*Paulina vai até a janella, e volta a assentar-se.*)

EUGENIO.

Já sei que vais á missa da Cruz. Queres que te acompanhe ?

PAULINA.

Ser-lhe-hia um passeio muito aborrecido !... Além de algumas compras que preciso fazer, tenho ainda de visitar a muitas das nossas pensionistas !



EUGENIO.

Minha piedosa Paulina ! (*Beija-lhe a mão.*)

SCENA XIII.

OS MESMOS E OLYMPIA.

OLYMPIA.

Ora graças a Deos ! já os vejo juntos e satisfeitos ! Ha quanto tempo, papai não beija a mão de mamai ?

EUGENIO.

Sempre, minha linda, sempre !

PAULINA.

Teu pai já pouco se occupa com taes puerilidades !

EUGENIO.

Como és má, e injusta comigo, Paulina !

OLYMPIA.

Então!... ainda temos *rusgas* ? Ora muito bem ! Saibão que eu não gosto de os vêr arrufados ! É uma cousa tão feia, n'um casal tão bonito ! Mamã ! eu não vou tambem me vestir ?

PAULINA.

Para que ?

OLYMPIA.

Nunca vou á missa da Piedade, nem dou esmola aos pobres !...

C. S.

5

PAULINA.

Todo o teu dinheiro é pouco para ninharias da rua do Ouvidor.

EUGENIO.

Para praticar o bem, nunca faltão elementos. (*Tira da carteira algumas notas que dá a Olympia.*) Eis-aqui, para os pobres, e para a rua do Ouvidor.

OLYMPIA, *transportada, abraçando-o.*

O' meu papaisinho!

EUGENIO, *sorrindo-se.*

Interesseira! (*Beija-a na testa.*) Vai-te vestir: (*Olympia hesita e olha receiosa para Paulina.*) Então, já não queres ir á missa?

OLYMPIA, *d meia voz.*

E se a mamãe ralhar, por eu perder as lições de musica e de francez?

EUGENIO, *alto.*

Não te ha de ralhar. O desejo de tornar-te *encyclopedica*, não a fará ter-te reclusa todas as semanas do mez!

PAULINA.

Estou hoje bem infeliz! não lhe mereço senão reprehensões! (*Salte arrebatada.*)

## SCENA XIV.

EUGENIO E OLYMPIA.

OLYMPIA, *pesarosa.*

Como!... papai reprehendeu-a?!

EUGENIO, *triste.*

Pedi-lhe simplesmente uma cousa, e, como agora, interpretou mal a minha intenção.

OLYMPIA.

Eu não sei o que a mamãi tem ! Anda sempre de tão máo humor, que já não me atrevo a gracejar, nem a pedir-lhe nada ! (*Triste.*) Isto assim, entristece a gente !

EUGENIO, *fa-la sentar perto de si.*

Dize-me uma cousa : estás satisfeita com a tua aia ?

OLYMPIA.

Pois não, papai, muito !

EUGENIO.

Desejo que a trates, mais como amiga, do que como criada. É muito bonito n'uma menina respeitar os mais velhos, e aquelles que lhe consagrao affeição !

OLYMPIA.

Pois papai não vê como eu estimo a senhora Martha ? Se ella me quer tanto !... Tem tanto cuidado em tudo quanto é meu !... faz-me todas as vontades... Como sabe que eu gosto muito de doces e de flôres, gasta quasi tudo quanto ganha em comprar-me uma e outra cousa ! Eu não sei porque a mamãi não gosta da Srã. Martha ! Nada do que ella faz lhe agrada ! está sempre a zangar-se...

EUGENIO.

Tua mãi anda doente ; é do seu estado de saude que nasce essa impaciencia .

OLYMPIA.

E anda tambem afflicta; tenho-a visto chorar...

EUGENIO.

Ella?! (*Erguem-se.*)

### SCENA XV.

OS MESMOS E MARTHA.

MARTHA.

Minha menina, venha vestir-se.

OLYMPIA.

Ai l... pois não hia-me esquecendo?... (*Martha olha com ternura para Eugenio; Paulina que entra surprehe-  
hendo esse olhar.*)

### SCENA XVI.

OS MESMOS E PAULINA,

*vestida de preto, com o chapéo e as luvas na mão.*

PAULINA, *pondo o chapéo e as luvas na mesa.*

Então, Olympia! Ainda estás desse modo?

OLYMPIA.

Eu vou já, mamã! Entretive-me a conversar com papai... mas, a Sra. Martha veste-me n'um instante! (*She, acompanhada por Martha.*)

SCENA XVII.

EUGENIO E PAULINA.

PAULINA.

Admiro a sua insistencia, em querer que Olympia seja servida por aquella mulher! (*Assenta-se.*)

EUGENIO.

Admiras-te de uma cousa muito natural. (*Assenta-se perto.*)

PAULINA.

Acha muito natural, que nossa filha tenha constantemente junto a si uma creatura, de cuja vida não temos o menor conhecimento?

EUGENIO.

Não desejo contrariar-te: conversaremos com Olympia, e se não estiver satisfeita...

PAULINA.

Isso não é mais do que uma evasiva! Bem sabemos que Martha insinuou-se por tal modo no espirito dessa menina, que ella não toléra os serviços de mais ninguem.

EUGENIO.

Então porque te incommodas com semelhante cousa?

PAULINA.

E a moralidade, Eugenio?

EUGENIO.

A moralidade?!

PAULINA.

Não tens em conta alguma a pureza de nossa filha? Uma menina tão ingenua, tão innocente, entregue á convivencia de uma criada, da qual ignoramos os precedentes?

EUGENIO.

Não és razoavel. Conhecemos acaso, os precedentes e a moralidade dessas creaturas que mandamos buscar á bordo de uma embarcação, ou nos lugares indicados nos annuncios do *Jornal do Commercio*?

PAULINA.

Ao menos, são mulheres que nascêrão livres.

EUGENIO, *acrimonioso*

E, por consequencia, moralisadas?

PAULINA.

Quando não o são, o instincto, e o trato da gente civilisada, lhes aconselha a decencia precisa para se apresentarem como taes.

EUGENIO, *impacientando-se.*

Paulina!

PAULINA, *irritando-se.*

Quero essa mulher fóra desta casa immediatamente!  
(*Erguem-se.*)

EUGENIO, *contendo-se.*

Porém já te fiz vêr que isso seria uma crueldade! Foi para peiorar a sua situação que a libertamos? Bem sabes que não tem conhecimento algum no Rio de Janeiro....

PAULINA.

Não lhe faltarão casas onde se empregue.

EUGENIO.

E Olympia, que não a quer dispensar?

PAULINA.

Fa-la-hei dispensar. Uma criança não tem vontades.

EUGENIO, *com firmeza.*

O que exiges é impossível... por ora.

PAULINA, *encolerizada.*

Impossível!

MATHILDE.

Dão licença?

EUGENIO, *serenando-se rapidamente e indo recebê-la.*

Oh! minha senhora!

## SCENA XVIII.

OS MESMOS E MATHILDE.

MATHILDE, *aperta a mão de Eugenio.*

Bom dia, meu amigo! Paulina... (*beija-a.*) O que tem? Está com o rosto tão alterado! Está doente?

PAULINA.

Um pouco.

MATHILDE.

E vai sahir? Ah!... agora me lembro... hoje é dia das suas piedosas excursões! (*Paulina toma-lhe o chapéo.*) A beneficencia é uma bella virtude! Até presta áquelles que a praticão um certo *que* tão *mavioso*... Já reparou, meu amigo, como Paulina está de uma belleza tão tocante, com aquelles vestidos negros?

EUGENIO, *olhando para Paulina com ternura.*

Se eu fosse esculptor, toma-la-hia para modelo das minhas estatuas da CARIDADE.

PAULINA, *brevemente ironica.*

E o senhor, seria a — Fé ?

EUGENIO, *fitando-a com intenção.*

Sem duvida !

MATHILDE.

Que duas sublimes *virtudes theologaes* ! Para completar o grupo (*olhando*) alli vem a ESPERANÇA.... (*Entra Olympia.*) E como vem *faceira* ! (*Ergue-se.*)

## SCENA XIX.

OSMESMOS E OLYMPIA, VESTIDA DE PRETO.

OLYMPIA.

Bom dia, Sra. D. Mathilde.... (*Mathilde beijã-a na face.*) Já sei que nos faz companhia ás visitas dos pobres?...

MATHILDE.

Não, minha menina ; hoje tenho de tratar de interesses que me são caros. As conveniencias do céu não nos devem impedir de olhar para as cousas cá da terra ; por que, segundo o preceito do Supremo Instituidor da Caridade, a *bem entendida*, deve *principiar pelos de casa* !—Diga-me uma cousa, meu amigo : durante a ausencia de Paulina, a minha presença ser-lhe-ha incommoda ? (*Paulina põe o chapéo e calça as luvas.*)

EUGENIO.

Ao contrario, minha senhora, ella povoará a minha solidão !



MATHILDE.

Por tão lindas palavras, prometto-lhe abreviar a penitencia, o mais que me fôr possível.... Porém, meu Deus! O que fiz eu a Paulina?... Nem ao menos me quer olhar!

PAULINA.

Desculpe-me ; estou com muitas dôres de cabeça !

### SCENA XX.

OS MESMOS E PEDRO.

PEDRO, *d porta.*

O carro já está prompto. (*Sahe.*)

### SCENA XXI.

OS MESMOS, MENOS PEDRO.

PAULINA, *apertando a mão a Mathilde.*

Até a volta ! (*Sahe precipitadamente.*)

### SCENA XXII.

OS MESMOS, MENOS PAULINA.

OLYMPIA, *afflicta.*

Oh ! *senhores !* O que tem a mamãe ? ! Parece que vai chorando ! Papai.... (*Beija-lhe a mão, e aperta a de Mathilde.*) Até logo, Sra. D. Mathilde... (*Sahe quasi a correr.*)

SCENA XXIII.

EUGENIO E MATHILDE.

(*Eugenio assenta-se abatido, e fica silencioso alguns momentos.*)

MATHILDE, *assenta-se perto de Eugenio.*

Tenho conhecido que entre os meus amigos já não reina aquella deliciosa harmonia de outr'ora!

EUGENIO.

É verdade, Sra. D. Mathilde; ao encanto do nosso trato tão íntimo e tão ameno, succedeu o desgosto e o constrangimento!

MATHILDE.

E, poderei fazer alguma cousa em prol do seu socego, e da sua felicidade? Tenho-o por um esposo digno de todo o affecto e estima; por consequencia, nada arrisco em tentar a sua reconciliação com Paulina. Quer fazer-me a confidencia dos seus pezares?

EUGENIO.

Mereço a sua estima, mas a confidencia que me pede, é impossivel! Só lhe posso affirmar, que sou muito desgraçado!

MATHILDE.

Adivinho nesta phase da sua vida, um drama....

EUGENIO.

Cuja principal peripecia far-me-hia morrer de vergonha!

MATHILDE, *surpreza.*

O que diz, meu amigo?!

EUGENIO, *mortificado.*

Oh !... poupe-me ! (*Pequena pausa.*)

MATHILDE.

Foi para tratar da felicidade dos meus amigos, que eu solicitei esta conversação ; não me tache, portanto, de intromettida na sua vida íntima.

EUGENIO.

Falle, minha senhora.

MATHILDE.

Martha foi o pomo da discórdia lançado á ventura e á calma desta casa, não é verdade ?

EUGENIO.

Paulina odeia-a.

MATHILDE.

O que lhe fez ella ?

EUGENIO.

Nada ; um infundado ciume....

MATHILDE, *surpreza.*

Ciume !... de uma mulher daquella idade ? !...

EUGENIO.

Maltrata-a.... Até quer expelli-la desta casa !

MATHILDE.

Expelli-la !... isso seria muito mal feito ! Não o consinta ! Preciso conversar com Paulina ; é mister que ella saiba, que essa a quem quer lançar fóra de sua casa foi a companheira de infancia de sua mãe !

EUGENIO, *ergue-se sobresaltado.*

Como !... A senhora sabe ?...

MATHILDE.

A historia de Martha ?... Conheci-a na Bahia, donde ella é filha, e logo a reconheci quando ha dous mezes a encontrei. (*Eugenio assenta-se.*) O infortunio pouco a tem destigurado.

EUGENIO.

E ella não a reconheceu ?

MATHILDE.

Tenho a certeza que não. Em mim ficarão bem marcados os vestigios da passagem da desgraça !

EUGENIO.

E á Paulina !

MATHILDE.

Não sei o que pense a tal respeito. Corações como o de Martha, nada esquecem daquillo que lhes foi caro; e ella afagou Paulina muitas vezes em seu seio. Alguma causa mysteriosa a leva a fingir que não a conhece; tenho respeitado essa causa, nada revelando a Paulina. Martha é uma boa creatura, e é infeliz, como todo o ente, que, tendo a consciencia do seu valor, se estorce nas agonias de uma forçada abjecção ! (*Pequena pausa.*) Não acha uma barbara irrisão do destino, o dom do espirito e da intelligencia, em alguns individuos ?

EUGENIO.

Em certos casos, é, minha senhora.

MATHILDE.

Nem se deve desenvolver e fructificar tão funestos dons em um escravo. Para que revelar-se a uma moça captiva, condemnada pela sua condição, aos mais grosseiros misteres, o que ha de distincto e de elegante em conhecimentos e prendas, só proprias dos circulos elegantes? Martha está neste caso, foi victima daquelles que a criarão. Educou-se com a filha de sua senhora no mesmo collegio, e aprendeu tudo quanto aquella estudou.... até musica e desenho! Quando a mãe de Paulina casou-se, levou-a em sua companhia, aonde era ella tratada mais como amiga do que como escrava. Teria quatorze annos, quando um caixeiro da casa, com promessas de liberta-la. e ser um dia seu esposo.... A pobre rapariga deixou-se illudir....

EUGENIO, *com mal disfarçada anciedade.*

E.... esse homem... .

MATHILDE.

Casou-se com uma rica viuva, pouco antes de vir á luz o fructo da sua seducção.

EUGENIO.

E elle.... existe ainda?

MATHILDE.

Não sei; conheci-o só de nome. Mas, que grande malvado! Ah!... Devo uma grande reparação á Paulina, meu amigo!

EUGENIO, *surprezo.*

A senhora?!

MATHILDE.

Não por mim ; mas por meu marido. (*Espanto em Eugenio.*) Vou revelar-lhe o que nunca me atreverei a dizer a Paulina ; receio perder a sua afeição.

EUGENIO.

Pelo que?..

MATHILDE.

Quando, logo ao começo das nossas relações, Paulina contou-me alguns factos da sua vida, reconheci nella a victima de uma horrivel trama! Lembra-se do motivo que occasionou a condemnação de seu sogro?

EUGENIO, *sombrio.*

Subtracção de bens aos credores.

MATHILDE.

Pois esses bens forão Martha e seu filhinho.... uma linda criança, perfeitamente branca!—O que tem?...

EUGENIO.

Nada, minha senhora ; tenha a bondade de proseguir.

MATHILDE.

Pois o infeliz Torres estava innocente do crime que lhe imputarão ; não os havia vendido ; havia-os libertado.

EUGENIO, *erguendo-se.*

Libertado ! ... A ella ? !

MATHILDE, *ergue-se.*

A mesma a quem o meu amigo forrou ha dous mezes.

É isso exacto ?

EUGENIO.

MATHILDE.

Tenho provas incontestáveis.

EUGENIO.

Logo, elles....

MATHILDE.

Forão victimas de um grande abuso.... de um crime !  
Escute-me (*assentão-se*) : A mãe de Paulina, desejava ardentemente dar a liberdade á Martha. Porém, seu marido, que temia as consequencias da inexperiencia, concordou com os desejos de sua esposa, debaixo da condição de não ser ella instruida desse facto, senão quando se achasse já em idade provecta ! Martha foi livre, e o segredo religiosamente guardado. Algum tempo depois, foi Torres obrigado a fazer ponto, e por uma fatal providencia, entregou a mãe e o filho, com os papeis que os restituia á sociedade, a um amigo em quem depositava grande confiança, recommendando-lhe o maior silencio, até um prazo marcado.

EUGENIO.

E esse amigo....

MATHILDE.

Inutilisou os documentos, e conservou -a em um captiveiro, que não se tornou mais ignobil, por ser ella uma rapariga essencialmente virtuosa. Foi nesta época que a conheci.

EUGENIO.

E seu filho ?

MATHILDE.

Foi-lhe arrancado dos braços, e vendido aqui, para o Rio de Janeiro. A pobre mãe quasi succumbio ao desespero ! Escapou por milagre á morte, mas.... en-

louqueceu! A infeliz mulher, chamava a todos os momentos por seu filho, ao qual queria reunir-se no céu. (*Enxuga os olhos.*) Apesar de se terem passado tantos annos, não posso deixar de entristecer-me ao lembrar-me de seus soffrimentos!

EUGENIO.

Porém.... a Senhora não me disse ainda o nome desse falsario.... desse ladrão!...

MATHILDE, *triste.*

Não lhe disse ha pouco que eu devia uma grande reparação a Paulina?

EUGENIO.

Então, o assassino da vida e da honra de Olympio Torres.... O monstro que reduzio á escravidão duas pessoas livres....

MATHILDE. .

Foi meu marido, Sr. Eugenio....

EUGENIO, *ergue-se.*

Seu marido!! (*Rodar de carro.*)

MATHILDE, *ergue-se.*

Aquelle que é hoje o procurador Antonio Forbes.  
(*Vai á janella.*)

EUGENIO.

Forbes!!

MATHILDE, *volta da janella apressada.*

Paulina já!... acalme-se, vou recebê-la. (*Sahe.*)



SCENA XXIV.

EUGENIO E DEPOIS MARTHA.

*(Eugenio passeia, procurando serenar-se; Martha apparece d porta e pára receiosa.)*

EUGENIO, *apercebendo-a.*

Minha querida mãe!... *(Cabe-lhe aos pés.)* Perdão!  
*(Beija-lhe as mãos, a chorar.)* Perdão!

MARTHA, *alegre e agitada, querendo erguê-lo.*

Meu Deus!... Será isto um sonho?...

EUGENIO.

Hei de ainda torna-la tão feliz!... *(Torna a beijar-lhe as mãos. Paulina vem entrando pelo fundo e pára fulminada pelo que vê.)*

MARTHA.

E posso ser mais feliz do que sou neste momento?  
Ergue-te... deixa-me abraçar-te. *(Eugenio, ao erguer-se, vê Paulina, que se aproxima.)*

EUGENIO, *estremece e recúa.*

Paulina!!!

MARTHA.

Ah!!!

c. s.

6

SCENA XXV.

OS MESMOS E PAULINA.

PAULINA, *com a voz tremula de cólera.*

Exigi ha pouco que despedisse esta criada; agora, peço-lhe que a conserve : — é a mulher que lhe convem.

(*Olympia e Mathilde entram pelo fundo, no momento em que desce o panno.*)

FIM DO TERCEIRO ACTO.

---

## ACTO IV.

Casa de correcção, a 7 de Setembro, de manhã.

Sala com portas ao fundo e á direita; janellas gradeadas á esquerda; um banco. Ao levantar-se o panno, ouve-se por algum tempo cantar o *tantum ergo* com acompanhamento de orgão. A scena está vazia. Um guarda, de espaço a espaço, passeia pelo fundo.

### SCENA I.

O BARÃO, MATHILDE E UM GUARDA.

GUARDA .

O Sr. Director manda pedir á V. Ex. o obsequio de esperar, até acabar-se a missa. (*Comprimenta e sahe. Cessa a musica.*)

### SCENA II.

BARÃO E MATHILDE.

MATHILDE .

Faltou-me o tempo para communicar a V. Ex. as circumstancias que me obrigarão a pedir o favor da sua companhia até este lugar. Tenho de tratar de um objecto muito melindroso com Antonio Forbes, e preciso do auxilio de V. Ex.

BARÃO .

A Sra. D. Mathilde expõe-se a algum desgosto fallando com semelhante homem !

MATHILDE.

Vou instruir o Sr. Barão, de algumas particularidades que me afixão o bom exito da minha negociação. Conversemos um pouco. (*Assentão-se.*) Principio dizendo a V. Ex. que tambem sou muito amiga da familia S. Salvador. . . . até tenho por mim o direito da antiguidade. (*O Barão sorri-se.*) O seu sorriso contesta o meu direito.... (*Gesto affirmativo do Barão.*) Pelo que? Por ter sido o Sr. Barão quem educou o menino Eugenio?

BARÃO.

Tomei-o a meu cargo quando elle tinha apenas cinco annos.

MATHILDE, *com expressão íntima.*

Pois eu, acariciei-o, ainda pendente do collo de sua mãe.

BARÃO, *surprezo.*

V. Ex. ? !

MATHILDE.

Emballei muitas vezes em meus joelhos o filhinho de Martha.

BARÃO, *inquietao.*

Como !... V. Ex. sabe ? !...

MATHILDE, *com intenção.*

Tudo, Sr. Barão !

BARÃO.

E como teve conhecimento de uma cousa ignorada por todos?

MATHILDE.

A minha historia quasi que está ligada á da familia S. Salvador. O pai de Paulina desceu ao tumulo deshonrado por meu marido.... Antonio Forbes....

BARÃO.

Elle... seu marido !

MATHILDE.

Outr'ora...—A mãe de Eugenio, e eu, choramos muitas vezes os nossos mutuos desesperos !

BARÃO.

Porém, nunca notei entre V. Ex. e Martha signaes dessas intimas relações.

MATHILDE.

Ella não me reconheceu. Para todos daquella casa sou uma amiga de curta data, sendo-lhes, no entanto, bem dedicada ! Impellida, pela amizade que consagro á essa familia, tenho acompanhado os recentès episodios que se têm dado em sua vida. O Barão já teve noticia da occurrencia que se deu hontem de manhã, na casa do Commendador ?

BARÃO, *triste.*

Estive com elle hontem á noite.

MATHILDE.

Pois a esse facto devo eu o conhecimento da origem dos dissabores de Eugenio e de Paulina. Que scena violentissima, Santo Deos ! Paulina injuriou atrocemente á pobre mulher, sem que Eugenio a pudesse defender. Tomei o partido da desventurada mãe, que se sacrificava, para não comprometter o silencio de seu filho, mas.... não fui generosa ! a consciencia m'ó diz. Abusei da effusão do seu reconhecimento ; interroguei-a, e a pobre Martha, ao reconhecer-me, confessou-me os laços que a ligão a Eugenio. Coitada ! Só sente o ter de separar-se de seu filho, deixando-o em tão dubia posição no conceito da esposa !

BARÃO, *preoccupado.*

Crê sinceramente ; que ella não a tivesse reconhecido ?

MATHILDE.

Creio. — Estou tão differente do que fui, que os meus proprios amigos, os mais íntimos, não me reconhecem hoje ! V. Ex. mesmo ha de ainda convencer-se desta verdade... Tornando á nossa pratica : Eugenio é filho de Martha ; V. Ex. o sabe ; por consequencia ( *tira uns papeis do bolso do vestido.* ) tenha a bondade de entregar-lhe estes papeis... sem nomeiar-me ; não quero que se véxe em minha presença. O Sr. Barão pôde lê-los.

BARÃO, *acabando de ler, muito admirado.*

A certidão da carta de liberdade de Martha !

MATHILDE.

Passada e registrada n'um cartorio, por seu senhor Olympio Torres....

BARÃO, *lendo de novo.*

Em 1827 !

MATHILDE.

Um anno antes do nascimento de Eugenio.

BARÃO.

É possível !

MATHILDE.

Queira ver a certidão do baptismo de Eugenio, que foi extrahida do livro da matriz onde foi baptisado ; confira as datas.

BARÃO, *lendo attentamente o outro papel.*

« Eugenio... recém-nascido... 1828... » Um anno depois da liberdade de sua mãe! (*Commovido.*) V. Ex. é a Providencia daquelles infelizes!

MATHILDE, *sorrindo-se.*

Custou-me bem pouco a representar tão bello papel! — Bastou-me attender a um desses inexplicaveis presentimentos que ás vezes temos, mandando extrahir essas duas certidões de assentamentos, que eu sabia que existião.

BARÃO.

E como é possível, que ella não soubesse que era livre?

MATHILDE.

Nunca lh'o disserão.

BARÃO.

E quem é V. Ex. que assim está tão bem informada de taes particularidades?

MATHILDE, *encarando-o melancolica.*

Nada em mim o faz lembrar de alguma época notavel da sua vida? (*O Barão contempla-a, e procura recordar-se.*) Pois que, Leopoldo!... nem a minha voz... nem o meu nome.... Ihe trazem á lembrança uma victima da vontade paterna?...

BARÃO, *ergue-se.*

Mathilde!

MATHILDE, *erguendo-se.*

O coração da mulher é mais leal ás recordações do seu primeiro affecto! Ha muito que eu o havia reconhecido!

BARÃO, *apertando a mão de Mathilde entre as suas.*  
Minha adorada amiga !

MATHILDE.

Creio que vem gente... (*Vão ao fundo e voltão.*) Findou a missa. (*Passão os artezões, guardas, presos, empregados, etc.*) Infelizes ! Ao menos não lhes falta o conforto da religião ! (*Entra Forbes conduzido por um guarda, que se retira e passeia pelo fundo.*)

### SCENA III.

OS MESMOS E ANTONIO FORBES.

FORBES, *reconhecendo-os.*

Mathilde ! O Sr. Barão de Maragugipe ! (*Com amargura.*) Vierão escarnecer da minha miseria ?... Exultar com a minha desgraça ?...

MATHILDE.

Não, senhor ; o que aqui nos traz é uma questão relativa á familia S. Salvador.

FORBES, *para Mathilde.*

E a senhora... é tambem contra mim, n'uma situação em que me deveria valer a recordação de um passado....

MATHILDE, *interrompendo-o.*

Que esqueci completamente ! — De mim só tem a esperar alguma consideração para com o nome que já foi meu, se aquiescer ao que lhe viemos pedir.

FORBES, *querendo pegar-lhe na mão.*

Mathilde !



MATHILDE, *com dignidade*

Respeite-me, senhor !

FORBES, *resentido e triste.*

Queirão dizer-me o fim da sua visita.

MATHILDE.

Antes de tratarmos disso, é mister que reflecta na melindrosa posição em que se acha.

FORBES.

Denunciarão-me como introductor de moeda falsa, e como tal fui condemnado... De alguns incidentes comprobativos, e do melhoramento repentino das minhas circumstancias procedeu a minha condemnação. Porém, estou innocente. Esses incidentes não passam de vagos indicios, e quanto ao meu melhoramento de circumstancias... bastarão algumas palavras.... (*Sobresalto no Barão.*) Tranquillise-se V. Ex., já estou cansado de fazer mal ! Basta a justiça da minha causa, para justificar-me. O tribunal da Relação, ha de attender á improcedencia de semelhante julgamento.

MATHILDE.

E mesmo que seja absolvido, a sua consciencia nada mais lhe diz ? — O máo esposo, o falso amigo, o motor da ruina de uma familia inteira, contenta-se, felicita-se só com a absolvição dos homens ? !

FORBES.

Senhora !

MATHILDE.

Diz que já está cansado de fazer mal... Pois pratique uma boa acção ! Faça alguma cousa em proveito

da tranquillidade do seu espirito, e da ventura daquelles que lhe devem todas as suas desgraças.

FORBES.

Em que lhas posso eu ser util?...

MATHILDE.

Dando um nome ao filho de Martha. (*Espanto em Forbes.*) Elle nunca foi escravo, o senhor bem o sabe....

FORBES, *vivamente.*

Isso é uma falsidade !

MATHILDE.

Falsidade!... E os documentos que provão a verdade do que eu digo ?

FORBES, *inquiêto.*

Documentos ? !...

BARÃO, *dando-lhe os papeis.*

Ei-los. — Não os inutilise ; dar-me-hia o trabalho de nova extracção.

FORBES, *depois de lê-los.*

Oh !... Sempre vencido pela fatalidade ! (*Dá os papeis ao Barão.*)

MATHILDE.

Pela justiça divina !

BARÃO.

Compreende pois, que se fôr absolvido como introductor de moeda falsa, será de novo julgado pelo crime de ter reduzido á escravidão duas pessoas livres. A lei é bem explicita nestes casos.

FORBES, *abatido*.

Pois bem... O que exigem de mim ?

MATHILDE.

A sociedade exige o nome de familia do negociante S. Salvador ; — esse nome só o senhor lhe pôde dar.

FORBES.

Eu !... E de que modo ?

MATHILDE , *ao Barão*.

Lembra-se, Sr. Barão, da queda da casa *Penafiel & Filhos*, e da causa que a motivou ? (*Forbes perturba-se.*)

BARÃO.

Sim , minha senhora ; foi o ter sido emittida em sua circulação grande numero de contos de réis, em valores falsificados.

MATHILDE.

Pois o autor desse roubo, que permaneceu até hoje desconhecido de todos, menos de mim...

BARÃO.

De V. Ex !...

FORBES.

Da senhora !...

MATHILDE.

Foi o proprio *gerente* dessa casa ; meu marido foi seu cumplice.

BARÃO, *indignado*.

O senhor ? !

FORBES, *aterrado*.

E quem lhe revelou esse mysterio ? !

MATHILDE.

O senhor, nas expansões de sua embriaguez. Com as cartas que tem desse miseravel, sobre a questão *Penafiel & Filhos*, obrigue-o a reparar a honra da mulher a quem seduzio; está viuvo, pôde fazê-lo. E, apesar de um titulo, obtido por donativos feitos a uma nação estrangeira, será Martha quem descerá até elle.

FORBES.

Conheço o seu orgulho ; nunca a esposará.

BARÃO.

Se não quer tomar sobre si este encargo, dê-me as cartas de que lhe falla a Sra. D. Mathilde.

MATHILDE, *vivamente.*

Sim, dê as cartas ao Sr. Barão !

FORBES.

Queimei-as.

MATHILDE, *com expressão*

Antonio Forbes, espirito malefico e previdente, destruir provas que perdião a um seu cumplice ? !

BARÃO.

Dê-me essas cartas, senhor ; e quando S. Salvador tiver um nome, que não seja o da cidade onde nasceu, dou-lhe a minha palavra de honra, que nada mais terá a receiar, na questão de Martha.

FORBES.

Juro -lhes que disse a verdade. Destruí esses papeis, porque nelles estava o meu nome.

MATHILDE, *indignada.*

Quer então roubar um nome á filha, assim como infamou o do pai ?

BARÃO.

Ponha um termo ás suas iniquidades, e poupe-nos o dissabor de publicar factos, que, comquanto enchessem de desgostos a Eugenio, livrarião a sociedade de um grande criminoso. (*Forbes mostra-se commovido.*)

MATHILDE, *afflicta.*

Dê-nos essas cartas ... peço-lhas em nome de alguma cousa que ainda lhe seja sagrada no mundo !

FORBES, *encarando-a com ternura e supplica.*

Mathilde ! (*Mathilde afasta-se com desgosto.*)

BARÃO.

Faça o que lhe propõe a Sra. D. Mathilde, que eu lhe prometto, se estiver innocente, abreviar a reforma da sua sentença ; e, no dia em que recobrar a sua liberdade, dar-lhe-hei o capital necessario para viver, em qualquer parte da Europa, de um modo mais digno, e livre das tentações da miseria. (*Forbes está muito desanimado.*) Recusará a vida tranquilla e honrada que lhe offereço para o resto de seus dias ?

FORBES, *tristemente.*

O que é preciso fazer para convencê-los de que já destruí essas cartas ? Queimei-as... creião : e agora fação de mim o que quizerem.

MATHILDE.

Oh ! meu bom Deos !... Aniquiladas todas as minhas esperanças ?!... Isto faz descrer da Providencia !

BARÃO.

Não se desespere... Se este homem quizer ouvir a voz da sua consciencia....

MATHILDE, *sorrindo amargamente.*

Consciencia?!... Elle não a tem !

FORBES, *ao Barão.*

E julga V. Ex. que já não tenho ouvido essa voz ?

BARÃO.

Porque não aproveita este ensejo, para tentar reabilitar-se ?

FORBES, *tristemente.*

Para mim, já não ha reabilitação possível !

BARÃO.

Póde ao menos, parar na horrivel trilha que tem seguido. Para que negar-nos o seu adjutorio n'um empenho tão louvavel ?

FORBES.

O que desejão obter de mim é um impossivel ! Esse homem é hoje um titular.

BARÃO.

O que importa isso se de um momento para outro, póde o seu titulo ser trocado por um *numero* nesta mesma casa ?

MATHILDE.

Qual, Sr. Barão ! Nada o move. — Ha organizações assim ; ha corações dominados pelo egoismo da perversidade, que nada querem fazer em proveito da virtude !

BARÃO, *sevéro.*

Cêda ao menos á convicção de que do mal, só mal lhe resultará!

FORBES, *com sentimento.*

Se vinte annos de punição social, que se traduz pela miseria, pelo desprezo e execração dos homens, não tivessem vingado a sociedade do opprobrio sobre ella lançado, por um dos seus membros, te-lo-hião feito estes dias — longos seculos! — de arrependimento passados no isolamento destes muros! — As palavras de V. Ex., mostram-me um futuro de paz e de esperança na misericordia divina, e... não posso dar o primeiro passo na senda da regeneração moral! Repito... Esses funestos escriptos queimei-os realmente. (*O Barão olha desanimado para Mathilde.*)

MATHILDE.

Não o creia, Sr. Barão! Isto não passa de uma ignobil comedia!

FORBES, *sentido.*

Comedia!... (*Com amargura.*) Com estas véstes e neste lugar?!... A senhora, cuja vida tem sido uma sequencia de acções virtuosas, não pôde devassar os horrorosos mysterios de uma organização propensa ao mal, e a elle conduzida por pessimos agentes! Não concebe a possibilidade da luz do céu no meio do abysmo! (*Dirigindo-se tambem ao Barão.*) Porém creião-me: quando a consciencia de um delinquente percorre todos os seus arcanos, e sente penetrar em si o arrependimento, a alma resgata-se á condemnação eterna, e entrega-se áquelle de quem a recebemos pura e boa!

SCENA IV.

OS MESMOS E O GUARDA.

GUARDA.

O Sr. Director manda-lhe entregar isto. (*Entrega-lhe um bilhete de visita dentro de uma sobrecarta não fechada.*)

FORBES.

V. Ex. dá licença? (*O Barão faz-lhe um signal de assentimento. Forbes abre a carta, e lê o bilhete.*) E a pessoa que me mandou este bilhete?

GUARDA.

Está na sala do Sr. Director.

FORBES.

Diga-lhe que estou ás suas ordens. (*Sahe o Guarda.*)

SCENA V.

OS MESMOS MENOS O GUARDA.

FORBES.

Se me permitem que receba uma visita....

MATHILDE.

E as cartas?

FORBES.

Já tive o desgosto de assegurar-lhes....

MATHILDE, *incolerisada.*

Oh! isto é o cumulo de toda a indignidade!



BARÃO, *sevéro.*

Esquece que está em nosso poder.... ou antes em poder da *Lei*?

FORBES, *inclina-se.*

Farei todo o possível para cumprir as ordens de V. Ex. (*Afasta-se respeitoso, para dar passagem ao Barão e Mathilde que sahem pelo fundo.*)

## SCENA VI.

FORBES E DEPOIS O VISCONDE.

FORBES, *passeia alguns instantes muito preocupado; o Visconde apparece a uma porta lateral e olha receioso para dentro da sala.*

Póde entrar, Sr. Visconde. (*Entra o Visconde.*) V. Ex. compara esta sala com aquella onde se assentava á minha mesa, no tempo em que as suas visitas não se fazião esperar tanto?

VISCONDE.

Se eu soubesse que o seu fim era pedir-me o preço de uma hospitalidade concedida a todo o *bicho careta*, tinha-me poupado ao enojo de aqui vir! — Acha muito bonito que se saiba na *minha roda* que ando a visitar presos na correccão? O que pretende de mim? Diga depressa!

FORBES.

Mandei-o chamar, para pedir-lhe que aproveitasse as suas relações a favor do termo da minha appellação....

VISCONDE.

Está doudo?... Ora essa!... Comprometter-me a fallar por vossê?... Expôr-me aos commentarios da *minha*

c. s.

7

*roda*, interessando-me por semelhante causa? O mais que lhe posso fazer, — por philantropia —, é pôr a minha bolsa á sua disposição.... com as precisas restricções, já se sabe!

FORBES.

Agradeço-lhe o *obsequio*; já mudei de proposito.

VISCONDE.

E fez muito bem; nada temo tanto no mundo como as falsas interpretações!

FORBES, *intencional*.

E o remorso?!

VISCONDE.

Não o comprehendo!...

FORBES.

O remorso?... Deixemo-nos de jogo inutil de palavras, Sr. Fróes de Medeiros! Encaremos francamente as nossas posições, tão solidarias e tão differentes....

VISCONDE.

Aonde quer chegar vossê côm esse *aranzel*?

FORBES.

A esta conclusão: Deos existe! A Providencia o revela em seus decretos!

VISCONDE, *ironico*.

Sim!... Pois sahio-se agora com essa descoberta?!

FORBES.

Descré de Deos e da Providencia?! Tambem eu não tinha em conta alguma estas supremas verdades! DEOS era para mim uma palavra tradicional; a *consciencia*, um simulacro de protesto quando queria autorisar algum acto reprovado; o *remorso*.... Esse conheço-o agora! É o raio com que a Providencia me fulmina, para fazer-me parar no vortice de tantos crimes!

VISCONDE.

Se quer convencer-me de todas essas cousas, veja se acha outros argumentos; porque, ou nada disso existe sobre as nossas cabeças, ou eu sou uma santa creatura!— Nunca tive remorsos! Por ahí não me leva aos seus fins.

FORBES, *intencional*.

E pelo instinto da segurança individual?

VISCONDE, *inquieta*.

Como?...

FORBES.

Quiz fallar-lhe á alma.... Homens que calcão aos pés os mais santos deveres, não a tem! As sacrilegas palavras que acaba de proferir assaz o provão.

VISCONDE.

Ora.... Basta de historias!... diga o que quer!

FORBES.

Ha trinta e cinco annos que a sua incontinencia abandonou no mundo dous infelizes em bem tristes condições! Uma mãe sem esposo, e um filho sem pai.

VISCONDE , *cynico*.

São cousas tão cominhas!... Por isso não ha de a sociedade *excommungar-me* com os seus anathemas! Tenho muitos imitadores.

FORBES, *solemne*.

O que, — para honra da humanidade —, não tem muitos exemplos, é o facto de um pai, renegando o filho a quem gerára, roubar-lhe impiamente a liberdade que não soube dar-lhe, exigindo a sua venda....

VISCONDE, *assustado*.

Calle-se!... Calle-se com os... Se quer alguma cousa...

FORBES.

O senhor fez da minha má indole, o instrumento de todas as suas paixões! Arrastou-me ao charco de todas as impurezas moraes, aonde deixei bens, felicidade e honra! Levando-me a servi-lo em seus detestaveis calculos pratiquei....

VISCONDE , *cynico*.

Deixe-se de exagerar algumas travessuras de rapaz !

FORBES, *indignado*.

Travessuras! Chama *travessura* o termos deshonorado um homem virtuoso, roubando a liberdade de dous entes, que nos devião ser sagrados por todos os principios ?

VISCONDE, *um pouco embaraçado*.

Sim.... sim.... conheço que não tenho um passado muito puro!... Porém, deve-se desculpar as inconsequencias da mocidade !

FORBES.

Pois a consequencia dessas *inconsequencias*, é a reclamação do seu nome que lhe faz hoje Eugenio S. Salvador....

VISCONDE, *surprezo*.

O que?!... S. Salvador!... Pois elle... é meu filho?!

FORBES.

E de Martha, que exige a promessa que lhe foi feita ha trinta e cinco annos.

VISCONDE.

Que exige!... essa agora.... é galante! Eu casado com... (*Riso*.) Ah!... ah!... ah!... não está má a pilheria!

FORBES, *estupefacto*.

Pilheria?!

VISCONDE.

Pois não! Admittindo mesmo que exista a tal paternidade, julga que eu hei de, por um tolo escrupulo, deshonrar o meu titulo dando-o a uma *liberta*?... Outro officio, meu caro! Quem lhe encommendou o sermão que lho pague!... E eu aqui a perder o meu tempo.... Emfim!... sempre lucrei alguma cousa! Fiquei sabendo que esse tal S. Salvador, tão pretencioso e tão bajulado, nada mais é do que um miseravel bastardo, filho....

FORBES, *exaltando-se*.

De um falsario! De um ladrão!

VISCONDE, *indo para Forbes*.

Insolente!

FORBES, *acalmando-se.*

Assôa-lhe tambem esta horrivel verdade, Sr. Visconde de Medeiros! — Para abater um caracter elevado e sobranceiro ás ridiculas pretensões da estupidez, patenteie a todos o segredo do filho do ex-gerente da casa *Penafiel & Filhos!*

VISCONDE.

Oh! *Senhores!* Elle só a fallar em cousas de que já ninguem se lembra!...

FORBES.

De que ninguem se lembra?! Os factos que acabo de apontar forão ha pouco aqui rememorados.

VISCONDE, *inquietao.*

Aqui?!

FORBES.

O passado que se esquece, é só o bom, porque recorda feitos dignos e meritorios! O máo que inspira sentimentos de odio e desprezo, e que imprime na fronte de um miseravel o estigma da degradação, esse nunca se olvida! Pésa sempre sobre o orgulho do homem, até á sua ultima quéda! — As cartas que me escreveu sobre o negocio *Penafiel & Filhos*, (*Sobresalto no Visconde*), párão nas mãos do Barão de Maraguipe!

VISCONDE.

O que diz?! Pois essas malditas cartas... Sr. Forbes!... não brinque.. Não falle em cousas que muito o podem prejudicar! Acabemos com esta embrulhada; já lhe disse, falle franco, e deixe-se de invenções! Essas cartas não existem.... o senhor mesmo m'o affirmou.

FORBES.

Menti-lhe... Existem, e acabo de entrega-las ao Barão, pela minha liberdade e pelo meu futuro.

VISCONDE, *com desprezo.*

Vendeu-as?

FORBES, *calmo.*

Troquei-as.

VISCONDE.

E para que quer o Barão esses papeis? O que intenta fazer com elles?...

FORBES, *imperioso.*

Obriga-lo a dar a seu filho o nome á que tem direito. E só quando o Sr. Visconde de Medeiros tiver cumprido um dos mais sagrados deveres da natureza, ser-lhe-ha restituída a correspondencia do *gerente* Frões. (*O Visconde passeia desorientado.*) O Barão quer hoje mesmo uma resposta.

VISCONDE.

Isto não passa de uma trama, arranjada entre vossê, e os amigos desse S. Salvador! — A correspondencia foi queimada! disse-me, e eu o acredito, porque o seu conteúdo o compromettia. Se ella apparecesse, perder-se-hia comigo.

FORBES.

Sim!... mas, far-se-hia... e far-se-ha justiça!

VISCONDE.

Mas, homem.... isto é um contracenso! Bem vê, que não posso fazer o que se exige de mim!... Ora, diga-me cá: Como me receberião na *minha roda*, depois de tão disparatado enlace? É preciso não ter o juizo no seu lugar,

para admittir-se a possibilidade de semelhante casamento! (*Passeia desesperado.*) Não posso! Dê no que dêr, não descerei até Martha!

FORBES, *com força.*

Será ella quem desça até o falsario Medeiros!

VISCONDE, *furioso, e concentrado.*

Eu lhes mostrarei quem sóbe, ou quem desce! Tenho prestigio, tenho amigos.... tenho dinheiro!

FORBES, *com autoridade.*

Acima de tudo isso, está a LEI e a JUSTIÇA!

VISCONDE, *sarcastico.*

A Justiça dos homens tambem se compra!

FORBES, *com força.*

Sim! mas acima dos homens está a omnipotencia de DEOS!

(*Cabe logo o panno.*)

FIM DO QUARTO ACTO.

---



## ACTO V.

No mesmo dia, da tarde para a noite ; em casa de Eugenio.

Sala contigua ao salão principal, com tres portas ao fundo, fechadas, e portas aos lados.

### SCENA I.

EUGENIO ASSENTADO, MARTHA, ENTRANDO.

MARTHA.

Já estiveste com Paulina ?

EUGENIO, *desanimado*.

Não tive valor para procura-la. (*Ergue-se.*)

MARTHA.

Meu pobre filho ! Sê forte, não desanimés.

EUGENIO.

O lance é tremendo ! Apresentar-me ante Paulina, na aviltante condição de um escravo... escravo!... eu, filho de uma escrava ? ! Oh ! não ! não posso !

MARTHA, *com amargura*.

Eugenio !

EUGENIO, *beija-lhe a mão*.

Perdão !

MARTHA, *triste*.

Só para uma mãe, todos os sacrificios são possíveis ! Sei o que me cumpre fazer para a tua felicidade. — Levada pelo egoismo da minha ternura, esqueci o mal que a minha presença....

SCENA II.

OS MESMOS E PAULINA.

*Paulina, vem entrando tristemente, ao vêr os dous, quer retroceder.*

EUGENIO, *adiantando-se para ella.*

Paulina ! peço-te que me escutes ! (*Paulina encara-o com frieza.*)

MARTHA, *d Paulina.*

Antes de deixar para sempre esta casa....

EUGENIO.

Deixar esta casa !

MARTHA.

Sim, e praza a Deos, que com a minha ausencia, volte á ella a paz e a felicidade que gozavão antes da minha funesta apparição !

PAULINA, *com desdenhosa ironia.*

Era então este, o expediente que combinavão para.... Julgão-me pois tão nescia, que dê credito a tão grosseiro subterfugio?— Se alguém deve deixar esta casa, sou eu.

EUGENIO.

O que dizes ? !

PAULINA.

Amanhã retirar-me-hei com minha filha, para a casa do amigo, que me offereceu o seu amparo para o momento da adversidade.

EUGENIO, *com autoridade.*

Sahirem daqui?... Isso nunca !

PAULINA, *com firmeza.*

É o que me compete fazer, depois de tão repugnante abuso!

EUGENIO.

Não houve abuso... houve fatalidade....

PAULINA.

Fatalidade! — Foi a fatalidade, que o obrigou a conspurcar a santidade do lar domestico, com a presença da sua antiga amante?

EUGENIO, *encarando-a.*

Paulina!

MARTHA.

Jesus!

PAULINA.

Foi ainda a fatalidade, que o levou a reatar laços criminosos, com uma vil escrava?... (*Gesto de angustia, em Martha.*)

EUGENIO.

Senhora!...

PAULINA.

Calcando todo o respeito ás conveniencias de pai e de esposo, trazer para o seio de sua familia, uma creatura indigna e viciosa?

EUGENIO, *severo.*

Basta, senhora! Nem mais uma palavra de insulto!

PAULINA, *dolorosamente resentida.*

Ameaças!

EUGENIO, *grave.*

Não ameço; peço-lhe.... ordeno-lhe mesmo!... que respeite...

PAULINA, *com explosão de cólera e desprezo.*

Á... sua amazia ?...

EUGENIO, *apresentando-lhe Martha.*

A... minha mãe ! (*Vem entrando o Barão.*)

PAULINA, *aterrada.*

Sua mãe ! !

MARTHA, *para Eugenio.*

O que fizeste ? !

### SCENA III.

#### OS MESMOS E O BARÃO.

BARÃO.

O seu dever ! — Muito bem, meu filho ! (*Aperta a mão de Eugenio. Vai para junto de Paulina.*) Animo !

PAULINA, *d meia voz, ao Barão.*

É então verdade ?... (*Eugenio e Martha fallão entre si, olhando para Paulina.*)

BARÃO.

É.

PAULINA, *mortificada.*

Oh !...

BARÃO.

É uma revelação, que ha muito seu marido lhe devia ter feito ; o receio de desgosta-la o reteve. Agora, que sabe o segredo que se lhe occultava, mostre-se mulher superior, pelo sentimento e pela intelligencia ! — Vá para o seu gabinete, e procure tranquillisar-se. Daqui á pouco, lá estarei para conversarmos.

PAULINA, *caminhando vagarosamente.*

Meu Deus!... O que hei de fazer?...

BARÃO, *acompanhando-a.*

Cumprir a sublime missão da mulher: — amar e esquecer —. (*Sahe Paulina.*)

#### SCENA IV.

OS MESMOS, MENOS PAULINA.

BARÃO.

Coragem, Eugenio! tens a sorte por ti! Pouco te empenhaste na luta, porém... venceste!

EUGENIO.

Consummou-se a minha desgraça! A afeição de Paulina, não resistirá, ao abalo do golpe descarregado no seu amor proprio! Vai talvez desprezar-me.... odiar-me!

BARÃO.

A esposa amante e dedicada, não põe limites á sua abnegação. — Vai relatar-lhe toda a verdade da tua vida. Dize-lhe que eu, que te recebi á tua entrada no mundo moral, me ufano de chamar-te meu filho, e meu amigo!

EUGENIO, *commovido, beijando-lhe a mão.*

Meu pai!

MARTHA, *beijando-lhe tambem a mão.*

Homem generoso!... Não bastava ao pobre orphão, dever-lhe tudo quanto é no mundo, ainda mais esta paternal estima, que tão orgulhoso o deve tornar!

BARÃO, *muito enternecido.*

Sim! Paguem o meu affecto na unica moeda grata à minha alma: com a effusão de um sincero reconhecimento!— Tens sido bem culpado para com tua mãe, Eugenio! Pede-lhe perdão das tuas culpas.

EUGENIO.

Oh!... ella ha de perdoar-me!... (*Quer beijar-lhe as mãos.*)

MARTHA, *puxando-o para si e abraçando-o.*

Perdoa-me tu o teu fatal destino! (*Ficão alguns instantes abraçados. O Barão contempla-os e busca esconder-lhes as lagrimas.*)

EUGENIO, *beijando as mãos de Martha.*

Meu Deos!... como sou feliz!... sim.... muito.... muito feliz!

MARTHA, *enxugando as lagrimas.*

E eu?... Graças, Senhor! mandais-me o perdão dos meus erros, na ternura de meu filho!

BARÃO.

Basta de commoções. Vá para perto de Paulina, advogar a causa de seu filho.

MARTHA.

E o que lhe poderei dizer?

BARÃO.

O que lhe aconselhar a sensibilidade. A mulher possui a eloquencia do sentimento, que convence o espirito e o coração. Pouco lhe custará a apagar o lampejo do amor proprio offendido!

MARTHA.

Que a Virgem Mãi me inspire! (*Sahe ; Eugenio e o Barão, acompanhão-a até d porta.*)

## SCENA V.

EUGENIO E O BARÃO.

*Entra um criado trazendo duas serpentinas com velas azezas, põe-as sobre as mesas e retira-se.*

BARÃO.

Eugenio ! Olha para mim !... para os meus olhos !  
O que vês nelles?...

EUGENIO.

Lgrimas !

BARÃO.

De jubilo.... de felicidade ! Deixa-me abraçar-te !  
(*Abraça-o.*)

EUGENIO, *muito maravilhado.*

Meu amigo !... O que ha ?

BARÃO.

Lê isto ; (*Dá-lhe as duas certidões*) ; attende às  
datas.

EUGENIO *lê, e confronta os papeis com grande  
anciedade.*

Barão !... Isto.... não é um meio de que se lem-  
brou para appacar o resentimento de Paulina ?

BARÃO.

Não ; essas certidões são verdadeiras.

EUGENIO, *alegre.*

Então eu.... eu nunca fui.... Paulina !... Paulina !...  
(*Querendo sahir.*)

BARÃO, *detendo-o.*

Espera: guarda esses papeis, e lê tambem esta carta.  
(*Eugenio guarda os papeis e toma a carta que o Barão lhe dá.*) É de teu pai... pede-me a mão de tua mãe.

EUGENIO, *vai apressado ver a assignatura.*

O Visconde ! (*Lê com anciedade.*) Oh !... é muito !  
(*Cae quasi desfallecido sobre uma cadeira, deixando cahir a carta que o Barão apanha.*)

BARÃO.

Então meu filho ! succumbes á ventura ?...

## SCENA VI.

OS MESMOS E MARTHA.

MARTHA, *entra alegre.*

Eugenio.... (*aterrada*) Jesus !... o que tens ?...

EUGENIO, *beijando-lhe a mão.*

Nada, minha mãe.... É um protesto da materia, contra o orgulho da fraqueza humana !

BARÃO.

Vem um pouco para teu quarto ; teu espirito precisa de repouso. (*Eugenio ergue-se e encaminha-se. O Barão dá a carta a Martha.*) Habilite-me a responder a esta carta. (*Sahe com Eugenio.*)



SCENA VII.

MARTHA, E DEPOIS MATHILDE.

*Surdina.*—*Martha lê com visível commoção a carta do Visconde; finda a leitura, assenta-se e chora copiosamente. Mathilde vem entrando. Cessa a Surdina.*

MARTHA, *ergue-se e eleva as mãos ao céo.*

Como Deos é clemente e bom!

MATHILDE.

E Justo, Martha!

MARTHA, *ainda a chorar.*

E a senhora, é um dos seus anjos! (*Abraça-a.*)

MATHILDE, *commovida.*

Pobre amiga! (*Afastão-se ao vêr Olympia, que vem entrando.*)

SCENA VIII.

AS MESMAS E OLYMPIA.

OLYMPIA.

Felizmente encontro aqui a Sra. D. Mathilde! Vai explicar-me o que ha hoje nesta casa de extraordinario!

MATHILDE.

Nada que eu saiba, a não ser uma bella reunião, da qual será a menina o mais mimoso ornamento!

c. s.

8

OLYMPIA, *triste.*

Ora.... a senhora está sempre a gracejar ! É por causa dessa reunião que mamãe está encerrada desde hontem no seu gabinete, e papai....

MATHILDE.

Tratão dos seus preparos.... a proposito : Tenho um favor a pedir-lhe : faz-m'o ?

OLYMPIA.

Pois não !... Diga depressa o que é.

MATHILDE, *sorrindo-se.*

Saiba, que, apesar de estar velha e feia, tenho minhas veleidades de apresentar-me hoje, moça, e bonita.... (*Movimento involuntario de duvida em Olympia.*) Acha isso impossivel?... Tambem eu. É mesmo um milagre ! e será a menina quem o realizará.

OLYMPIA, *amavelmente.*

E sem me custar muito !

MATHILDE, *tocando-lhe na face.*

Veremos isso, senhora lisongeira !... Mandei trazer para aqui a minha *fatiôta* dos dias duplices, e confio-lhe o meu toucador.

OLYMPIA.

Com muito gosto !

MATHILDE.

É preciso tambem ir enfeitar-se ! Quero vê-la um objecto de maledicencia para as suas amigas !

OLYMPIA, *sorrindo-se.*

Esquece-se que a senhora é a primeira entre ellas ?

MATHILDE.

Oh !... eu sou *oitos e nove*s fóra do baralho !

OLYMPIA.

Vamos, Sra. Martha ? (*Repara em Martha que a contempla muito commovida.*) Oh !... porque me olha quasi a chorar ? !...

MARTHA, *beijando-lhe a mão.*

Por vê-la tão linda.... tão pura ! (*Acompanha Olympia. Mathilde vai segui-las, mas pára ao ver o Barão que entra.*)

## SCENA IX.

BARÃO E MATHILDE.

BARÃO, *aperta a mão de Mathilde.*

V. Ex. já sabe que o Forbes cumprio a sua promessa ? (*Surpreza em Mathilde.*) O Visconde propôz-me o seu casamento com a mãe de Eugenio.

MATHILDE, *satisfeita.*

Deos me perdôe ! Sempre duvidei do seu arrependimento !

BARÃO.

Era sincero... Agora, creio na sua reabilitação. Pela minha parte cumprirei o que lhe prometti esta manhã, e possa elle encontrar na Europa, onde o não conhecem, o olvido do seu nome e a paz do seu espirito.

MATHILDE.

E Paulina?

BARÃO.

Sabe de tudo, e.... chora.

MATHILDE.

Vou para perto della. (*Sahe.*)

## SCENA X.

O BARÃO E DEPOIS PEDRO.

BARÃO, *toca no tympano e assenta-se; apparece Pedro.*

Peça á Sra. Martha que venha fallar-me. (*Sahe Pedro.*)

## SCENA XI.

O BARÃO E EUGENIO.

EUGENIO, *chega á porta e olha; vendo o Barão, dirige-se a elle.*

Assegura-me pela sua honra que aquellas certidões?...?

BARÃO.

Juro-te!

EUGENIO.

Basta! É que uma felicidade assim tão inesperada....

BARÃO.

Ainda duvidas da justiça de Deos?...

EUGENIO, *commovido.*

Meu amigo!

BARÃO.

Vai te vestir. (*Olha o relógio.*) São perto de 7 horas, e tens de receber os teus amigos e convidados.

EUGENIO.

Festas e visitas! Apresentar-me prazenteiro e jubiloso, tendo o espirito cheio de receios e incertezas!... Oh!... A vida não passa de uma mascarada!

BARÃO.

Exigencias de posição, meu caro! E nem serás tu o unico que se apresente em *holocausto* a ellas! (*Sahe Eugenio.*)

## SCENA XII.

BARÃO E MARTHA.

(*O Barão assenta-se, e fica pensativo até á entrada de Martha.*)

MARTHA.

Mandou-me chamar, Sr. Barão? (*O Barão ergue-se.*)

BARÃO.

O que devo responder á carta do Visconde?

MARTHA.

O mesmo que meu filho responderia: — Eugenio é orphão.

BARÃO.

Aprecio a nobreza da sua resposta. Mas pondere que com um nome illustrado por um titulo, que faria calar qualquer murmuração, offerece o Visconde á Eugenio consideravel augmento de capitaes.

MARTHA.

Vale mais a mediania, a pobreza mesmo, honrada, do que a opulencia adquirida por meios reprovados pelas leis e pela moral! A origem da riqueza desse homem, não me é desconhecida.

BARÃO.

Não seria conveniente consultarmos Eugenio, antes de mandar a sua resposta?

MARTHA.

Meu filho não ha de querer trocar um nome nobilitado pelos seus actos, por outro que só opprobrio lhe trará.

BARÃO.

Mas qual será (*Entra Pedro*) a sua posição na casa de seu filho?...

### SCENA XIII.

OS MESMOS E PEDRO.

PEDRO, ao Barão.

O guarda-livros do Sr. Visconde de Medeiros, pede com urgencia para fallar a V. Ex.

BARÃO.

Faça-o entrar para a ante-sala. (*Sahe Pedro.*)

SCENA XIV.

BARÃO E MARTHA.

BARÃO.

O Visconde quer a resposta da sua carta.

MARTHA.

Recuso — por mim... e por meu filho.

BARÃO.

A sua resposta é definitiva?

MARTHA.

Definitiva, Sr. Barão.

SCENA XV.

OS MESMOS E MATHILDE.

MATHILDE, *ao Barão, que vai ao seu encontro.*

O que diz ella?

BARÃO.

Recusa.

MATHILDE, *surpreza.*

Recusa! (*Á Martha.*) Pois recusa uma posição para si, e um nome para seu filho?!

MARTHA.

Prefiro a obscuridade á ignominia.

MATHILDE, *com brandura.*

Não haverá algum excesso de orgulho na sua susceptibilidade?

MARTHA.

Não, minha senhora; ha só o proposito de não querer que meu filho, renegue a probidade do seu presente e do seu futuro, por um passado infamante.

BARÃO.

Vou mandar a sua resposta. (*Salte.*)

## SCENA XVI.

MARTHA E MATHILDE.

MATHILDE.

Julguei fazer alguma cousa pelos meus amigos... fui infeliz na minha idéa. Não conhecia ainda toda a elevação da sua alma!

MARTHA.

Perdôe-me, minha boa senhora!...

MATHILDE.

O que?!... O não ter querido reparar a falta da inexperiencia, contrahindo uma alliança indigna de si?... —Não a censuro por isso. A sua recusa não é muito natural, mas é louvavel. Eu a respeito.

## SCENA XVII.

OS MESMOS E EUGENIO.

EUGENIO.

Boa noite, Sra. D. Mathilde! (*Aperta-lhe a mão; dá meia voz a Martha.*) E Paulina?... Ama-me sempre?...

MARTHA.

É esposa e mãe.



EUGENIO, *transportado.*

Agora, sim! tenho fé na clemencia do céu!

MARTHA, *apontando para Paulina que vem entrando.*

Eis alli o iris do perdão! (*Toma a mão de Paulina e a conduz para junto de Eugenio.*)

### SCENA XVIII.

OS MESMOS E PAULINA.

PAULINA, *estendendo a mão a Eugenio.*

Perdoas-me?

EUGENIO, *beijando-lhe a mão, com ternura.*

A minha felicidade.... minha adorada Paulina?!...  
(*Olha para toda a sala.*) E Olympia?... (*Mathilde sahe sem ser notada. O Barão entra perturbado.*)

### SCENA XIX.

EUGENIO, O BARÃO, MARTHA E PAULINA.

PAULINA, *ao Barão.*

*Amet e esqueci!*

BARÃO, *d meia voz indicando Martha.*

E aquella martyr?

PAULINA, *approximando-se de Martha.*

Quer abençoar a sua filha?...

MARTHA, *abraçando-a.*

O céu te recompense, pela ventura que me dá neste momento!

C. S.

9

SCENA XX.

OS MESMOS, MATHILDE TRAZENDO OLYMPIA PELA MÃO.

EUGENIO, *para Martha.*

E agora é feliz?

MARTHA.

O que mais posso ambicionar? (*Péga nas mãos de Eugenio e de Paulina.*) Deos! e meus filhos!

OLYMPIA, *muito admirada, e d' meia voz.*

O que querem dizer aquellas palavras, Sra. D. Mathilde?!?

MATHILDE, *alto.*

Querem dizer, minha menina, que desta vez não foi Maria, foi Martha quem escolheu a melhor parte! Vá abraçar o seu papai!! (*Olympia vai para junto de Eugenio, que a afaga e a apresenta á Martha; Mathilde dirige-se ao Barão.*) O que tem meu amigo?

BARÃO.

O Visconde partio esta tarde, no *Paquete*, para o Rio da Prata!

MATHILDE, *surpreza.*

Fugio!!!...

BARÃO, *indignado.*

A sua carta foi apenas um ardil, para ganhar tempo.

MATHILDE.

E ficarão impunes tanta maldade e tantos crimes?!?

BARÃO, *sentencioso.*

Não, minha senhora! Para onde quer que vá o criminoso, vão também com elle a consciencia da culpa, e as tribulações do remorso!... Ainda que a impiedade social, pareça protegê-lo, a alma do criminoso, despojada da luz do céu, já não pôde gozar o menor socego na terra. Ella vê, que ao descer do mundo, lá a espera, implacavel, no altar supremo da verdade, a condemnação divina. (*Solemne.*) Eis aqui a differença:— Enquanto Antonio Forbes, castigado, busca remir-se pelo arrependimento;— enquanto o Visconde de Medeiros, affronta a sociedade com um novo crime, fugindo á reprovação da moral e da justiça;— aqui, ao lado da virtude, que se ennobrece pelo martyrio e pela fé, contempla-se nos beneficos laços da familia, e no santo amor de mãe: — O QUADRO DA VERDADEIRA FELICIDADE!

*(Rompe fóra o hymno da independência.)*

*Abrem-se as portas da sala do fundo, a qual deve estar esplendidamente preparada, e cahe o panno no momento em que os personagens da scena se dirigem para o salão principal, que está cheio de cavalheiros e senhoras, todos em traje de gala.*

FIM DO QUINTO E ULTIMO ACTO.

## ERRATA

---

PAG.	LIN.	4	<i>põe-na</i>	LÊA-SE :	<i>põe-a</i>
» 24	» 7 e 10		sorpreza	»	surpreza
» 25	» 17		sorpreza	»	surpreza
» 38	» 15		sorprezo	»	surprezo
» 40	» 10		sorprezo	»	surprezo
» 41	» 21		pos-sível	»	possível
» 46	» 12		hum lhante	»	humilhante
» 48	» 24		vêlas-ha	»	vê-la-has
» 54	» 27		<i>pára poucos</i>	»	<i>pára a poucos</i>
» 76	» 14		E á Paulina !	»	E á Paulina ?
» 76	» 21		a Paulina	»	á sua esposa
» 77	» 5		de elegante	»	de elevado

Outras insignificantes faltas serão facilmente corrigidas pelo leitor.















